

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

JESSICA ANDRADE FIGUEIREDO

**UM ESTUDO DE CASO DO CONCEITO DE CLUBE DO LIVRO A PARTIR DE  
UMA OBRA LITERÁRIA**

Belém

2017

**JESSICA ANDRADE FIGUEIREDO**

**UM ESTUDO DE CASO DO CONCEITO DE CLUBE DO LIVRO A PARTIR DE  
UMA OBRA LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo.

Belém

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade  
Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F475e Figueiredo, Jessica Andrade  
Um estudo de caso do conceito de clube do livro a partir de uma obra literária. / Jessica  
Andrade Figueiredo. - 2018.  
59 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de  
Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo.

1. Clube do Livro. 2. Leitura. 3. Hábitos de leitura. I. Marques Redigolo, Franciele, *orient.* II.  
Título.

CDD 028.9

---

JESSICA ANDRADE FIGUEIREDO

**UM ESTUDO DE CASO DO CONCEITO DE CLUBE DO LIVRO A PARTIR DE  
UMA OBRA LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais aplicadas da Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, sob orientação da Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo.

Data de aprovação: Belém, \_\_\_\_ de Janeiro de 2018.

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Franciele Marques Redigolo  
(Orientador – Universidade Federal do Pará – UFPA)

---

Prof. Me. Williams Jorge Corrêa Pinheiro  
(Membro 1 -Universidade Federal do Pará – UFPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Nara Raimunda de Almeida Santos  
(Membro 2 - Universidade Federal do Pará – UFPA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à família e amigos pelo imensurável apoio, financeiro e emocional, todo o tempo gasto para que este momento fosse uma possível realidade. Sem eles com certeza não estaria concluindo este trabalho. São muitos os nomes e não ficaria feliz se esquecesse dum só por isso, me abstenho de cita-los aqui, mesmo eles sabendo que estão no meu coração e alma.

Aos meus professores que, de maneira grandiosa, auxiliaram em minha formação e me incentivaram a falar deste importante tema que é o incentivo à leitura e a formação de leitores. Principalmente agradeço à minha orientadora, Franciele Redigolo que depois de muitas conversas e correções, cá estamos na reta final e quase lá.

E ainda mais, devo gratidão a todos os livros que já passaram pela minha mão. Do primeiro exemplar de *Harry Potter* no ensino fundamental até o último que meus dedos passaram pela lombada; os livros e os autores que os escreveram fundamentaram e formaram a escritora que sou. A qualidade deste trabalho se deve, principalmente, pelo tempo despendido em todas as minhas leituras no decorrer destes anos.

Agradeço à tia Thaís Rezende, antiga bibliotecária da escola CEM Bom Jesus, onde tive o prazer de participar de meu primeiro Clube do Livro. Nunca me esquecerei das tardes em que falávamos sobre *Nietzsche* e *Tolkien* e ali, naquela pequena sala que era a biblioteca, adentrava manhãs, tardes (e às vezes noites) em busca de uma nova porta, de um novo caminho, de um novo amor que encontraria nos livros ainda não lidos.

Agradeço a Deus, sempre.

Quanto mais eu lia, mais oca eu me sentia. Todas aquelas histórias se misturando dentro de mim como num velho caldeirão cozinhando em fogo brando, e eu fazendo as primeiras bolhas, entrando em ponto de fervura sem perceber. A soma de todas as vidas inventadas que eu tragara em incontáveis tardes, tudo isso tinha se amalgamado, formando uma terceira coisa, um híbrido de histórias, algo vivo e pulsante e com vontade própria

(Letícia Wierzchowski)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as influências do Clube do Livro em seus leitores participantes. Para tanto, a partir da pesquisa bibliográfica foram identificados pontos históricos da formação das bibliotecas, da chegada da Biblioteca Real ao Brasil e da consolidação do mercado livreiro em vista de montar um perfil de leitores e o impacto da leitura e o estudo de caso de uma obra literária por meio de análise textual. A análise se baseou na estrutura de Moraes (2009), que se caracteriza por preparar, unitarizar, categorizar, descrever e interpretar a leitura da obra *A sociedade literária e a torta de casca de batata*. Os resultados indicaram que a partir de uma experiência literária e as fundações sociais, econômicas e culturais, o leitor irá ter diferentes influências dentro do Clube do Livro.

**Palavras-chave:** Clube do Livro. Leitura. Hábitos de leitura.

## **ABSTRACT**

This research has the purpose to analyze the influences in their participants in a Book Club. For this purpose, from the bibliographical research, it was identified some historical points of the libraries formation, the arrival of the Royal Library to Brazil and the consolidation of the book trade in view of organize a readers profile and the reading impact and also made the case study on a literary work through textual analysis. The analysis was based on the structure of Moraes (1999) that characterizes on preparing, unifying, categorizing, describing and interpretation of the reading of the book *The Guernsey literary and the potato peel society*. The results indicated that from a literary experience and the cultural, economic and social foundations, the reader will have different influences in the Book Club.

**Key Words:** Book Club. Reading. Reading habits.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 O LIVRO E O LEITOR: UM BREVE HISTÓRICO EM PORTUGAL E NO BRASIL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Bibliotecas no Brasil: da era quinhentista aos 1800.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 De Portugal ao Brasil: a viagem da Real Biblioteca até a independência.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 A tipografia e comércio livreiro no Brasil: impactos ao leitor.....</b>	<b>20</b>
<b>3 CLUBE DO LIVRO: UM ENCONTRO LITERÁRIO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Clubes de Leitura: Uma trajetória não linear.....</b>	<b>26</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
<b>4.1 Análise textual literária.....</b>	<b>35</b>
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>37</b>
<b>5.1 A Sociedade literária e a torta de casca de batata: introduzindo a obra.....</b>	<b>37</b>
5.1.1 Personagens.....	37
5.1.2 Enredo.....	42
5.1.3 Análises das experiências no Clube do Livro: os personagens.....	46
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas devem ser palco para mais conversa sobre literatura e aplicação desta literatura na vida da comunidade que a frequenta. Espaço aberto para que o leitor, a partir de leituras e conversas críticas possa compreender seu papel como cidadão crítico e consciente.

Com tal pensamento, a presente pesquisa abordará os Clubes de Leitura ou Clubes do Livro como uma ferramenta de fomento e incentivo à leitura e estabelecer sua importância como uma prática necessária e viável.

El Far (2006), em sua obra *O livro e leitura no Brasil* aponta o estudo feito pelo Ibope em favor do Instituto Pró-Livro (IPL), *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*, onde vemos um Brasil que cresce no seu índice de leitores, mas que ainda tem muito a caminhar. A pesquisa mostra que dentro de 5.012 pessoas entrevistadas, que, segundo o Ibope representa cerca de 93% da população geral, 44% das pessoas não leem livros e 30% nunca comprou um livro.

Há, portanto, a intensa necessidade de se trabalhar incentivos à leitura mais atrativos e efetivos dentro das bibliotecas, e além disso, promover uma discussão crítica do que está sendo lido. O Instituto Paulo Montenegro com apoio do Ibope, mostrou em pesquisa realizada em 2015, que cerca de 27% dos brasileiros são analfabetos funcionais, com maior ênfase no quesito “elementares” que significa uma básica capacidade de compreensão, de fazer inferências e entender gráficos.

Freire (2005) em seu livro *O ato da importância de ler é voraz* quando diz que se há uma urgência de seminários de leitura dentro das bibliotecas, um estudo aprofundado da literatura mundial. A antropóloga Petit (2009), em seus estudos que serão destrinchados neste trabalho, exibirão a prática da leitura como um meio de indagação e resistência mediante à uma realidade outrora desconhecida como injusta e insatisfatória. Saber porque se acredita no que se acredita, ter o poder de falar, querer falar e assim melhorar a si mesmo e a uma atmosfera toda em derredor vem ser um dos pilares fundamentais de discussão.

Chega-se assim, ao **problema**: Qual a influência no leitor que o Clube do Livro possui?

O estudo **propõe** o destaque de alguns momentos históricos, mostrando o delinear da consolidação do mercado livreiro e das bibliotecas no Brasil e como este processo é intrinsecamente ligado ao leitor hoje; investiga momentos que fizeram parte da formação dos Clubes do Livro e analisa por meio de uma obra literária a influência do Clube literário no leitor.

Tendo como **objetivo geral** de estudo descrever a construção do processo de leitura dentro de um contexto histórico e literário e avaliar por meio de uma obra literária a influência de um Clube do Livro no leitor. Partindo assim, de **modo específico** a demonstrar:

- a) Identificar alguns pontos do processo histórico de publicações editoriais e a fundação das Bibliotecas no Brasil e sua influência para o leitor;
- b) Investigar alguns pontos do surgimento e trajetória do Clube do Livro;
- c) Avaliar por meio de uma obra literária como um Clube do Livro influencia o leitor participante.

A leitura dentro de um contexto cultural no ambiente da biblioteca precisa ser cada vez mais observado e o Clube do Livro como uma ferramenta que auxilia de modo eficaz este processo em que o leitor parte de um estado inicial de leitura para adentrar um ciclo que resultará ou não em uma relevante evolução após determinado tempo dentro do Clube.

Falar de leitura é um tema atual, estando sempre em um dos pontos mais discutidos como, por exemplo, em rodas de debate dentro das universidades, em órgãos sem fins lucrativos que promovem eventos culturais de venda de livros a preços acessíveis, organizam debates e palestras com autores e leitores. A Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (DLLLLB) vem trazendo políticas públicas para que o incentivo à leitura seja uma prática mais constante nas escolas e universidades dentro do país.

A grande massa de literatura e estudos em prol da temática leitura tanto dentro do âmbito da sala de aula com professores de língua portuguesa e os vários eventos culturais de incentivo à leitura dentro e fora de lugares fechados, a facilidade ao acesso a este material e a existência de Clubes do Livro que podem ser acessados presencial e virtualmente são pontos positivos para a escolha do tema.

A metodologia que se pretende utilizar na pesquisa é, inicialmente uma pesquisa bibliográfica sobre a parte histórica do desenvolvimento do comércio livreiro e das bibliotecas no Brasil desde o período colonial até o atual e os perfis dos leitores neste tempo estabelecido.

O trabalho possuirá uma parte teórica onde será mostrado o processo histórico e fará um traçado da prática da leitura em diversos aspectos, a formação deste novo leitor e como a leitura vem a ser um aspecto de liberdade e consciência do cidadão a partir de estudiosos de áreas relevantes ao tema. A pesquisa bibliográfica irá até as conceituações e recuperação de alguns Clubes do Livro, ativos e já inativos, online e presenciais.

Dando continuidade na estrutura textual, segue-se a metodologia onde serão destrinchados os passos da pesquisa, os métodos utilizados e como serão analisados os dados coletados. Com a recuperação e análise do material bibliográfico, o estudo avançará para uma

análise de uma literatura ficcional intitulada *A sociedade literária e a torta de casca de batata*, onde dentro de uma vivência de um **Clube do Livro**, possa ser identificada a influência deste no leitor participante afim de, serem inseridos na discussão final.

A discussão irá englobar tudo o que foi coletado e possuirá ali o pensamento do autor e suas impressões sobre a pesquisa feita. Nas considerações finais haverá um pequeno resumo de todo o trabalho e a finalização com a abertura e incentivo a outras pesquisas no tema estudado.

## **2 O LIVRO E O LEITOR: UM BREVE HISTÓRICO EM PORTUGAL E NO BRASIL**

Nesta seção teórica, será adentrado o estudo sobre alguns pontos históricos destacando as bibliotecas no Brasil colônia, a chegada da família Real e vinda da Real Biblioteca, sua instalação e como a tal influenciou na propagação de novas bibliotecas e incentivo à leitura. Serão colocados momentos do desenvolvimento da tipografia no Brasil, os primeiros livreiros e como a leitura, seja clandestina, impedida pela censura, importada ou contrabandeada influenciou no leitor da época e reflete no leitor atual brasileiro.

### **2.1 Bibliotecas no Brasil: da era quinhentista aos 1800**

A formação das bibliotecas e livrarias no Brasil teve um caminhar lento e doloroso. Fundamentada inicialmente em bibliotecas de mosteiros, conventos e coleções particulares, tais livros eram acessíveis somente às mentes intelectuais religiosas (ou não), que se concentravam nas cidades ricas do país. Tais relatos vêm a ser documentados a partir da segunda metade do século XVI.

Com o objetivo inicial de extração de minérios, não era interesse da colônia o incentivo à imprensa e a criação de leitores. Pensa-se que, na verdade, catequizar e utilizar da ignorância do povo dominado era muito mais interessante para o que se vinha buscar nas viagens além-mar.

A péssima distribuição da população, que se concentrava apenas nas cidades pólos e o lento processo de comunicação à distância, dificultava ainda mais este processo. A grande maioria eram escravos vindos de outros lugares e os indígenas da terra que serviam apenas para manutenção, extração da matéria coletada, para o serviço braçal e nas casas de engenho.

Moraes (2006), bibliófilo e estudioso que é referência na área, fala sobre as bibliotecas que auxiliaram no molde inicial do que viria a ser o Brasil independente e leitor. O autor destaca que a igreja, de modo geral, foi a educadora nessa época e que aqui e ali se percebia uma influência literária entre colonos, sendo estes, quase todos da alta sociedade.

A missão dos mosteiros então era não só aumentar seus números de publicações adquiridas por pretensões pessoais, mas também cumprir suas responsabilidades como provedores do ensino em seminários e colégios. Tais bibliotecas auxiliavam além do estudo dos internos como alunos que cursavam Filosofia, também aos homens cultos e ao ensino das crianças, como no caso citado “para ensinar os pequenos caiçaras a ler letra de forma” (MORAES, 2006, p. 17). Conta ainda que a biblioteca do colégio de Santo Alexandre do

Pará, no ano de 1760, possuía cerca de 2.000 exemplares e entre outras que adquiriam seus milhar de livros para suas estantes (MORAES, 2006, p. 8).

Apesar de haver um bom número de bibliotecas, o conteúdo dos acervos era limitado aos livros religiosos e alguns de filosofia. Tais acervos eram aparados pela censura da Mesa Censória que a partir de 1768 vigorou como um só poder que outrora eram divididos em três. Com a queda do Marquês de Pombal, conta o autor que, D. Maria I, assumindo o poder, reformulou e deu um novo nome ao organismo, sendo então conhecida como Comissão-Geral para o Exame e a Censura de Livros. “Acabou-se em 1820 a Inquisição, mas não a censura” (MORAES, 2006, p. 58-59).

A compra dos livros para os mosteiros e conventos era feita fora do Brasil, mas não possuía a fiscalização austera sendo, segundo o autor, “caótica e variável” (MORAES, 2006, p. 59). Com a Mesa Censória, Pombal exige listagem dos livros pertencentes às entidades e à população para que fossem minuciosamente analisados e se fora dos critérios estabelecidos, recolhidos pelas autoridades responsáveis.

Recebiam ainda doações de Portugal e Itália e adquiriram por meio da verba acumulada de suas produções agricultoras. Com o crescimento do ensino das ciências, foi-se notando a necessidade de adquirir livros para estudo direcionado. Não somente jesuítas, mas também beneditinos, franciscanos e carmelitas contribuíram para que suas bibliotecas fundamentassem o crescimento gradual da aquisição de livreiros e bibliotecas no país.

Moraes (2006, p. 60) elenca em sua obra alguns critérios fundamentais à censura em Portugal e seus domínios, sendo:

- 1) *os livros de autores ateus,*
- 2) *os de autores protestantes que combatessem o poder espiritual do papa e dos bispos ou atacassem os artigos da fé católica,*
- 3) *os que negassem a obediência ao papa,*
- 4) *os livros de feitiçaria, quiromancia, magia a astrologia,*
- 5) *os que, apoiados num falso fervor religioso, levassem à superstição ou fanatismo,*
- 6) *os livros obscenos,*
- 7) *os infamatórios,*
- 8) *os que contivessem “sugestões de que se siga perturbações do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes ditames dos direitos divinos, natural e das gentes, ou permitem ao Soberano tudo contra o bem comum do vassalo, ou vão na outra extremidade fomentar a abominável seita de sacrilégios monarcomanos [...] que tudo concedem ao povo*

- 9) *os livros que utilizavam os textos das Escrituras Sagradas em sentido diferente do usado pela igreja;*
- 10) *dos autores que misturassem artigos de fé com os da mera disciplina,*
- 11) *os que impugnassem os Direitos, Leis, Costumes, Privilégios, etc. da Coroa e dos Vassallos,*
- 12) *as obras “dos pervertidos filósofos destes últimos tempos” [...],*
- 13) *os livros publicados na Holanda e na Suíça atribuídos ao advogado do Parlamento da França e que tratam de separação entre o “Sacerdócio e o Império”,*
- 14) *todas as obras de autores jesuítas baseadas na “autoridade extrínseca da razão particular”,*
- 15) *os livros “compostos para o Ensino das Escolas Menores que forem contrários ao sistema estabelecido por lei anterior”.*

Destes relacionados, podiam ser lidos livros proibidos apenas com licença. Tais medidas adotadas tiveram críticas ditas que o sistema não funcionava com a severidade devida, havendo compra e venda destes livros nos domínios de Portugal com a fiscalização de má qualidade, não tendo o devido conhecimento para avaliar as obras que chegavam no porto adentrando assim várias obras proibidas, a grossa vista ou por contrabando, como explana Moraes (2006, p. 65):

*A falta de uniformidade no cumprimento das injunções da censura, a severidade em certas capitâneas em determinadas épocas e a nenhuma fiscalização em outras partes do país explicam-se pela autonomia dos capitães-generais e as circunstâncias de momento. Esses fatos, aliás, não são peculiares ao Brasil. Nas colônias espanholas os historiadores notaram a mesma situação. O fato é que entrou no Brasil, em todas as épocas, muito livro proibido o que confirma o que toda a gente sabe [...]: a censura, a apreensão ou confisco nunca, em tempo algum, impediram a circulação de livros considerados nocivos.*

Abreu (2008) também comenta dizendo que alguns censores ficavam com os livros que supostamente deveriam analisar para veto, constituindo assim suas bibliotecas. A autora fala do caso do filho do censor João Guilherme Christiano Müller, Daniel Pedro Müller que, após o falecimento do pai, fez requerimento da importação de sua biblioteca que estava em Portugal para o Brasil, sendo constituída por “[...] 755 títulos, publicados em alemão, holandês, português, francês, inglês, latim, espanhol e italiano, contendo, sobretudo, obras de cunho religioso, seguidas de textos de Belas Letras e escritos sobre Ciências e Artes” (ABREU, 2008, p. 95).

Dentro desta listagem, como conta Abreu (2008), havia livros que o censor não sabia avaliar por não saber a linguagem, como no caso dos livros alemães, e mesmo sabendo que havia textos proibidos pela censura, em virtude dos serviços do pai e a reputação do filho, José da Silva Lisboa, então encarregado para liberação final das obras, libera os livros. Isto deixa visível o que Abreu (2008, p. 95-96) destaca:

O parecer elaborado por Lisboa deixa clara uma das principais características da censura luso-brasileira que, agindo de acordo com os princípios próprios do Antigo Regime, avalia as situações conforme as pessoas envolvidas, estando muito longe da ideia de que a lei deveria valer de forma igual para todos.

Mesmo assim, os pedidos de livros não diminuíram. Muitos particulares e livreiros faziam suas listas de livros para serem transportados, sendo levados à Mesa do Desembargo do Paço que viria ser a nova forma de censura. Dentre os livros requeridos, a autora conta que havia mais obras ficcionais, “responsáveis por 45% dos títulos solicitados” (ABREU, 2008, p. 92).

A grande presença das obras estrangeiras já começa a delinear o perfil do leitor dentro do Brasil. Mostra também que muitos eram homens cultos, e é bem baixo o número de obras em português comparado a outras línguas, tendo, como mostra a autora, o francês com “75% da origem dos textos” (ABREU, 2008, p.93).

Com a expulsão dos Jesuítas, muito foi deixado ao desleixo e ao tempo. Mas logo uma nova era viria. Era de monarquia, era de luta proletária, era de independência. Na próxima subseção, veremos como se deu o transporte da Real Biblioteca, a vinda da família real à colônia, as revoluções do povo e a situação das bibliotecas.

## **2.2 De Portugal ao Brasil: a viagem da Real biblioteca até a independência**

O terremoto que assolou Lisboa em 1755 destruiu a biblioteca real que dom João V, mesmo com sua fama de inculto, se esforçou tanto para cuidar e aumentar. Moraes (2006) descreve que o terremoto destruiu a cidade e deixou muitos destroços para trás. O incêndio legou apenas algumas notas do antigo bibliotecário, o padre José Caetano de Almeida, com informações de catalogação e sobre os viajantes que visitaram a biblioteca demonstrando, segundo o autor, o descaso e despreparação em vista de uma possível catástrofe.

Com o incêndio que destruiu boa parte da Real Biblioteca, o rei d. José I e o Marquês de Pombal retomaram a partir do que sobrou e reiniciaram uma nova coleção no Palácio da Ajuda, coletando também a partir da compra de coleções particulares, requisição de coleções



de mosteiros e até mesmo doações fazendo com que a biblioteca ressurgisse grandiosa novamente.

Tais coleções particulares tiveram grande importância para reerguer a Real Biblioteca. Mesmo com o rareamento das bibliotecas particulares após o terremoto, ainda havia bibliófilos com coleções raras e que seriam parte da colcha de retalhos para uma nova biblioteca. Um exemplo dessas coleções era a biblioteca do bibliófilo Diogo Barbosa Machado que remonta com suas obras raras parte da história de Portugal.

Segundo Schwarcz (2002), a coleção de Diogo Machado contava com 4301 obras, dividida em 5764 volumes, abrangendo diversas áreas do conhecimento, contendo também coleções especiais de retrato, estampas de caráter religioso, mapas e um conjunto de folhetos agrupados por temas.

As tensões circundavam Lisboa sua biblioteca e Napoleão estava às portas, impaciente e pressionando o frágil d. João a uma decisão e declarar guerra à Inglaterra. A tensão exigia uma ação rápida do rei em razão de seu próprio bem estar e de sua corte. Ou ele cedia a Napoleão e fechava os portos para os ingleses ou ele ficava do lado da Grã-Bretanha, abria os portos e aderir à guerra para derrubar Napoleão.

Com o estouro da ameaça de Napoleão destronar e tomar a Casa de Bragança e a pressão britânica, a necessidade de preservar a linhagem real e montar uma estratégia de escape era iminente. Após várias reuniões do rei e o Conselho, e algumas debaixo do pano e com os navios inimigos às portas, no dia 27 de novembro de 1807, o rei anuncia sua partida já no barco junto com sua corte, rumando para a colônia além-mar.

Amparados pela escolta dos ingleses, eles viajaram e em 1808 chegaram à colônia. Alguns livros foram trazidos junto com os “fugitivos”, encaixotados por Cristiano Müller a mando de d. Antônio de Araújo e Azevedo, onde em trinta e quatro caixotes foram catalogados e organizados junto com papéis de Estado. Acomodados no porão, foram colocados também um equipamento inglês tipográfico moderno e ainda embalado, como conta Herkenhoff (1997).

Havendo sido a tripulação acomodada, começaram as reformas. Uma das medidas tomadas pela coroa foi a censura à difusão de ideias contrárias que enfraquecesse a coroa portuguesa. Muitos papéis e impressões foram recolhidos pelos homens de confiança do rei e novos foram publicados e dados à população.

Tendo a missão de civilizar os povos e organizar a papelada, o reino teve muito com o que se ocupar. Schwarcz (2002) fala que eles se escandalizavam com as práticas de canibalismo, antropofagia e com o número de infectados. Temendo rebeliões de negros ou

índios, como ocorria em colônias americanas, a corte e a família real buscavam ali catequizar, conter e civilizar.

Portugal ficava em segundo plano fazendo com que a população tomasse medidas por si. Uma onda de rebeliões se espalhou pelo país e d. João, a salvo do destronamento pelos franceses e com o apoio inglês, declara guerra à França. O povo largado à mercê por seu rei em Portugal marcha para Lisboa, mediado por um governo provisório. Com o auxílio de tropas inglesas, o povo tirou os franceses da capital e em 15 de setembro se deu a Restauração.

O país não estava seguro e não estaria por um bom tempo, ainda mais com sua a realeza na colônia. Por tal, diversas vezes, relata Schwarcz (2002) que, em cartas ao rei, o encarregado da Real Biblioteca da Ajuda, Alexandre Antônio das Neves, alertou da necessidade de ser realocada a biblioteca, que apesar de todos os perigos externos e ameaças de roubo, nenhum livro, relata ele, fora levado e o acervo estava em bom estado de conservação, precisava estar definitivamente segura de possíveis saques.

A falta de devido pagamento, e o risco à vida ficavam ainda mais insistentes os pedidos de levar a Real Biblioteca para a colônia e juntamente o bibliotecário e encarregados. Então, em janeiro de 1809, o rei deu ordens para o encaixotamento e o transporte do acervo da biblioteca e da Livraria Real que fossem relevantes, mandando antes a quantidade do que seria transportado, dimensões e a quantidade dos caixotes necessários.

O transporte foi adiado por conta da invasão dos franceses, que felizmente falharam em sua empreitada. Passou-se mais um tempo e com a tensão de outras invasões, foi-se dada à ordem para reunir os arquivos da Casa Real, das Bibliotecas Públicas e Régias. Boa parte foi, mas algumas obras da Biblioteca Pública de Lisboa ficaram para trás como comenta Herkenhoff (1997).

A segunda remessa que saiu do porto em 1811, na fragata *Princesa Carlota* veio com maus presságios do ajudante de bibliotecário que temia pelo transporte arriscado, péssimas condições, exposição dos livros à umidade excessiva e, como completa a autora “trazer a Real para a bárbara colônia tropical” (SCHWARCZ, 2002, p. 268).

Apesar dos contratemplos e da viagem conturbada, é iniciada a instalação no hospital da Ordem Terceira do Carmo, que seria remanejado para outro local posteriormente. As muitas caixas começaram a ser abertas e logo se foi vendo que a Real Biblioteca precisaria de muito mais espaço. A equipe hospitalar que ainda sobrara foi remanejada para o Recolhimento do Parto.

Em 1813, conforme descreve Moraes (2006), as obras se estenderam para adaptar o local para comportar o acervo. Com a Biblioteca tendo seu endereço, foi dado o encargo de administrar a Real ao frei Joaquim Dâmaso e mais três ajudantes: José Joaquim de Oliveira, José Lopes Saraiva e Feliciano José.

Vários empecilhos são elencados por Schwarcz (2002, p. 276), para a “paz” dentro da recém Biblioteca:

Ao final do dia, a falta de luz e mesmo a algazarra da rua perturbavam a concentração. Na rua detrás do Carmo, os ruídos partiam dos restaurantes, confeitarias e cafés. De um lado, contíguo ao beco do Carmo, era comum o burburinho das procissões que saíam da Capela Real [...] Do outro, no beco dos Barbeiros, sons profanos dos lundus e modinhas executadas em violões [...] Difícil mesmo era suportar o cheiro dos medicamentos usados no hospital: vinagre, aguardente, óleo negro de alambre, água-da-rainha-da-hungria, além de urina humana e animal, pó de esterco de cães, pele, osso e carne de sapos, pó de pescoço de galo, carne de víbora em pós, chá de percevejo...

Mesmo assim, a Real Biblioteca começava a ter forma e dar seus passos mais largos. Vários acervos de particulares foram incorporados à biblioteca, junto com compras o que dava esmero e robustez. A biblioteca, como cita a autora, era vista como “um trunfo nacional” (SCHWARCZ, 2002, p. 281).

As tensões, porém, não estavam mais só além-mar. Insurreições espocaram pelo país, como a de Minas em 1789, a da Bahia em 1798 e a Revolução em 1817 em Pernambuco, como comenta Herkenhoff (1997) colocando a corte e a família real em alerta. A autora El Far (2006, p. 12-13) cita o caso:

[...] havia um cônego, Luís Vieira da Silva, cuja condição financeira precária não foi empecilho para que, sozinho, acumulasse obras em latim, francês, italiano, espanhol, português e inglês. Sua biblioteca, composta de 800 volumes, reuniu clássicos da literatura, autores da Antiguidade, dicionários, livros de ciência, história, obras proibidas do Iluminismo francês [...]. Esses livros parecem ter dado suporte ideológico e ânimo revolucionário àqueles que participavam da **Inconfidência Mineira**. Não por acaso, Luís Vieira foi preso pelos Autos da Devassa.

A vontade por emancipação vinha de toda a América Latina, e como complementa Schwarcz: “eram ‘as abomináveis ideias francesas’ que entravam nas colônias, revolvendo antigas certezas e princípios estabelecidos” (SCHWARCZ, 2002, p. 344). Portugal também se mostrava frágil e instável após tantas invasões e trocas de poder, dando também sinais de revolução.

O povo português queria a volta do rei, já que enquanto a colônia crescia e se desenvolvia, Portugal estava ao acaso com o agravamento de crises, dando brechas para Inglaterra e França influenciarem no povo já desacreditado de seu monarca.

Neste momento de revolução e mudanças, as sociedades maçônicas tiveram grande importância para o andamento dos movimentos. Entre elas, o *Sinédrion* foi o que mais se destacou, mesmo sem ter um “projeto revolucionário definido” (SCHWARCZ, 2002, p. 348).

Então o quadro estava montado: d. João estava sendo pressionado a voltar a Portugal e retomar seu lugar e deixar a colônia nas mãos do filho d. Pedro. Schwarcz (2002) fala de um folheto francês que incutiu ideias perigosas na colônia com o questionamento de se realmente a família real deveria ficar ou voltar para Portugal. Dentro desse folheto, algumas proposições foram feitas, como se cita:

1) Portugal precisava mais do Brasil do que o contrário; 2) a partida da Família Real para a Europa seria o prelúdio da independência do Brasil; 3) d. João não manteria seu domínio sob o Brasil governando de tão longe; 4) em Lisboa o rei estaria nas mãos dos rebeldes; 5) do Brasil o monarca controlaria o florescente Império Português; 6) d. João teria tempo, quando quisesse, de fazer a mudança que lhe pediam naquele momento (SCHWARCZ, 2002, p. 351).

E em 26 de Abril de 1821, como descreve Herkenhoff (1997), a família parte deixando d. Pedro no comando da colônia. Carregando ouro e diamantes, saqueados dos bancos, eles partem e como termina Schwarcz: “Era o fim do *hamletismo* político, iniciado desde a paz de 1816: no lugar do mais clássico ‘ser ou não ser’, ficava a versão tropical encenada por d. João, que se resumia a um constante ‘vou ou não vou’” (SCHWARCZ, 2002, p. 354).

Porém, a biblioteca tão esmerada pelo monarca ficaria na colônia com o filho. Não só a Real Biblioteca, que após tantas compras e doações, estava impossibilitada de ser desmontada e transportada, mas também ficava a Real Livraria. O monarca retiraria como diz Schwarcz (2002), uma parte dos Manuscritos da Coroa, mas a gigante Biblioteca ficaria em terras americanas.

Tal ato é significativo para a história do Brasil e estabelece uma nova era de prenúncios de liberdade de pensamento. Como diz Schwarcz (2002, p. 359): “Assim como os títulos são relativos e se redesenham a cada contexto, dessa feita a Biblioteca lembrará não mais o domínio monárquico, mas a verdadeira autonomia que se faz com o pensamento”.

Após a partida, d. Pedro precisava, depois de um caótico processo político, responder ao ansioso povo que insistia a separação definitiva de Portugal. A imprensa brasileira fomentaria estas ideias e teria ali um grande retorno o que colocaria o príncipe em um lugar de decisão urgente.

E em 1822, às margens do Ipiranga, ele diz “- *É tempo! [...] Independência ou morte! [...] Estamos separados de Portugal [...]*” (SCHWARCZ, 2002, p. 377).

Vemos aqui um Brasil que caminha para estradas de independência, para conflitos e futuramente a estabelecida democracia. Apesar de corrupções e monarquia, o país chega à

democracia e grande parte, senão todo este processo não seria possível sem a literatura revolucionária que, aquém de censura, emerge violenta e tempestuosa.

Na próxima subseção, será então contado brevemente como se deu o processo tipográfico e o desenvolvimento do comércio livreiro.

### **2.3 A tipografia e o comércio livreiro no Brasil: impactos ao leitor**

A necessidade de produzir e não somente importar foi uma das mais urgentes necessidades que a colônia se viu precisar e tal movimento de imprensa iria a revolucionar o que viria ser o país independente. Sobre o período colonial no Brasil, Hallewell (1985, p. 5) apenas declara:

No Brasil, colônia de produção agrícola, a tipografia inexistiu durante quase todo o período colonial. Na verdade, durante grande parte desse período, a administração do Brasil era tão rudimentar e a população tão pequena e espalhada por uma área tão vasta, que a indústria impressora não era administrativamente necessária nem economicamente possível.

Com a viagem da corte às pressas para o Brasil, veio Antônio de Araújo e Azevedo com todos os livros e equipamentos tipográficos. Após a instalação da corte, houve-se a necessidade de impressões e afins dando inaugurada, em 1808, a Impressão Régia que “lhe garantiu o monopólio da impressão [...] até 1821 quando o funcionamento de tipografias particulares passou a ser autorizado” (ABREU, 2008, p. 87). Dentre o que era produzido pela Imprensa Régia inicialmente, Abreu (2008, p. 87-88) destaca:

[...] não se limitou a colocar em letra de forma os éditos, avisos e alvarás, mas deu à luz toda sorte de escritos, inclusive obras poéticas e ficcionais. A julgar pelo que restou dessa produção, a imprensa foi inserida rapidamente nas práticas de adulação dos poderosos, pois foram impressas grandes quantidades de poemas em elogio aos soberanos, recitativos para as datas natalícias de membros da família real, orações congratulatórias etc.

A monarquia tentou o máximo que pôde impedir a vinda de equipamentos tipográficos e a iniciação de um mercado editorial temendo uma onda de pensamentos que pudessem os colocar em risco. O movimento repressor não vingou e com a independência, vemos o nascer e desenvolver do mercado editorial.

Moraes (2006), fala da tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva. Nascido em 1761 na Vila Real, em Portugal, se mudara, junto com a família real, se estabelecendo na Bahia. Moraes (2006) relata que ele, em 1809, teria viajado a Portugal e à Inglaterra onde possivelmente teria comprado todo o material para iniciar sua editora. Em 1811, como comenta Moraes (2006), o rei assinava a autorização para que Silva Serva iniciasse seus

trabalhos. O editor era ativo e ia sempre ao Rio para vender seus materiais, mas não possuía grandes verbas para crédito. Como completa o autor:

Empatado o capital na impressão de um livro, o dinheiro só retorna à medida que é vendido, e isso leva, às vezes, anos seguidos. A solução é aumentar o número de títulos publicados de maneira a aumentar também as entradas de dinheiro (MORAES, 2006, p. 142-143).

O objetivo de seu negócio, como descreve Hallewell (1985), era dar lucro e assim ele vendia o que era de venda garantida e autores conhecidos e a gosto do público. Ele publicou livros didáticos, para estudo dos residentes de medicina, estudantes de farmácia e engenharia, livros políticos sobre o momento de d. Pedro, livros religiosos, de orações, de estudos, para cerimônias, poesia e em 1819, publica um romance de Chateaubriand.

O editor Silva Serva faleceu no mesmo ano, mas os negócios continuaram. Como termina o Moraes (2006, p. 149) “Como se viu, a tipografia de Silva Serva é uma empresa comercial com a finalidade de dar lucro. Sua produção representa o gosto e a demanda de livros do público leitor da Bahia nas vésperas da Independência”.

A Imprensa Régia é uma das maiores produtoras tendo aí um vasto catálogo, incluindo livros didáticos, que muito diferente do que se pensa, foi um dos pilares para a construção do leitor no país. Lajolo e Zilberman (1998) estruturam uma lista de algumas das obras produzidas na época e incitam a premissa da demora da entrada da imprensa no Brasil.

Apesar disso, as tipografias invadiram e evoluíram e fizeram do país um dos maiores produtores editoriais da América Latina, como será visto no decorrer do texto.

A falta de uma presença maior de escolas provoca insatisfação no povo. Lajolo e Zilberman (1998, p. 135) sobre isso comentam: “O que ancora, na carência e inadequação do sistema escolar, por sua vez réplica da carência e inadequação da vida cultural da colônia, a inadequação e carência das práticas de leitura”.

Mesmo assim, as escolas presentes são cenário conhecido de nossa literatura, sendo descrito por autores sua vida escolar, a rotina, como eram as freiras os castigos sofridos e etc. Dentro disto, ainda fica distante o contato mais próximo e constante dos estudantes com livros em bibliotecas.

Porém, com a necessidade vigente, são então inauguradas pelo país bibliotecas públicas que reuniam toda sorte de livros. Como mostram as autoras:

[...] inauguram-se Gabinetes de Leitura, como o da cidade de Rio Grande, de 1846, que, a partir de 1878, converteu-se na Biblioteca Rio-Grandense; ou o de Pernambuco, franqueado ao público em 1871, tendo por modelo o do Rio de Janeiro. Por sua vez, a Biblioteca Pública de Porto Alegre é criada em 1871, e data de 1875 a fundação da biblioteca da cidade de Pelotas, por incentivo de Antônio Joaquim Dias, diretor proprietário do *Correio Mercantil* (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 182).

Este aumento de bibliotecas sugere um “encorpamento de malhas muito importantes no aparelho de leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 182). Não suficiente, mas já um passo inicial. Os livros que não eram encontrados na escola e não permitidos pelo sistema imposto por tais, eram o combustível para as mentes jovens do país. A clandestinidade da literatura popular circulava por mãos e inundava as rodas de conversas.

Estes livros eram romances de cavalaria como *Dom Quixote* e as aventuras de *Júlio Verne*, tão populares mundialmente e não diferente no Brasil listavam como os favoritos dos rapazes. Tal comércio vinha por aumentar as vendas e produções editoriais no Brasil. Como elucidam Lajolo e Zilberman (1998, p. 227):

As obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando eles escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou as conhecidas por meio da transmissão oral, como as ouvidas de contadoras. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo. Os admiradores de *Júlio Verne* ou *Ponson de Terrail* querem tão somente terminar um livro e outro, e mais outro, numa espiral sem fim.

A clandestinidade chega também ao público infantil alavancando o consumo da literatura. A escola não acreditava na formação do aluno dentro destas literaturas, mas a despeito da estrutura e ensinamentos escolares, os livros carregados longe da vista dos superiores foi parte das sementes que plantaram os escritores, pensadores e revolucionários. Lajolo e Zilberman (1998, p. 232) encerram:

É quando o ato de ler, propiciado pelo resultado positivo da alfabetização, é encarado como o processo que conduz ao alargamento das fronteiras intelectuais do leitor. A leitura recupera sua propensão iluminista, como queriam os primeiros advogados da educação das massas. Um dos efeitos previstos é integrar o indivíduo ao coletivo e à pátria, civilizando-o e tornando-o um cidadão útil à sociedade [...].

Com a chegada do século XX e a evolução da imprensa, observamos uma nova dinâmica editorial que buscava fazer o livro acessível às massas se descentralizando das elites burguesas, prática essa que não foi alimentada na época colonial onde a circulação em massa era restrita com alta censura da coroa, como demonstra El Far (2006, p. 11-12): “(...) até a vinda da família real, em 1808, proibiu expressamente qualquer tipo de reprodução impressa em todo o território nacional, por temer uma possível propagação de ideias políticas progressistas e revolucionárias”.

Mesmo assim, os livros eram vendidos por toda a parte, a preço popular, grandes nomes da literatura mundial. A situação do público leitor feminino, por outro lado, estava preso ao modelo patriarcal da época. El Far (2006), conta do viajante e comerciante inglês

*John Luccock* que ao visitar o país vê a reclusão das mulheres e assim conclui sua pouca instrução e educação.

Aquém, havia mulheres que estavam à frente de seu tempo e mostravam resistência como o exemplo mostrado por El Far (2006) da madre Jacinta de São José, sendo esta fundadora da ordem carmelita no Brasil e do Recolhimento de Santa Teresa em 1742, que tinha um vasto acervo pessoal de livros, desafiando muitas vezes o grupo majoritário clérigo masculino.

Com a valorização da imprensa no país não tardou para os livreiros serem atraídos. Alguns destes livreiros eram o francês *Pierre Plancher*, que após ser preso e processado na França pela “confeção de libelos considerados sediciosos para as autoridades” (EL FAR, 2006, p. 19) viria para o Brasil e publicaria o *Jornal do Commercio* que, segundo a autora, continua sendo vendido até hoje.

Outro foi *Eduardo Laemmert* ao lado de *Souza* que liderou a editora dos *Boussage e Aillaud*, tendo *Laemmert* aberto depois o próprio negócio que depois da chegada de *Henrique*, seu irmão, como fala El Far (2006) passaria a ser chamada *E. & H. Laemmert, Mercadores de Livros e de Música*.

*Garnier* foi outro destes editores que atraía a sociedade letrada por suas belas edições e seus folhetins parisienses. Ele foi um dos mais importantes publicando autores como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Graça Aranha e outros (EL FAR, 2006). Suas obras eram luxuosas e com um excelente acabamento “conferindo aos livros aparência de sobriedade e elegância” (EL FAR, 2006, p. 21). Como completa:

Nas décadas seguintes, vários foram os livreiros brasileiros que abriram comércio nas ruas centrais da cidade e buscaram, com grande esforço, um público cativo e lucrativo. Seguindo as listas de livrarias divulgadas pelos almanaques, percebemos intensa rotatividade de endereço e sociedades. Em busca de empreendimento certo, muitas tentativas eram feitas: uma boa localização, um capital apropriado, publicações inéditas e anúncios chamativos nos jornais (EL FAR, 2006, p. 24).

Porém, longe do luxo destes editores, estava *Pedro Quaresma* com seus livros com materiais e acabamento mais baratos, vendido a um preço acessível, chamados segundo El Far (2006) de “Livros Baratíssimos” ou “Tudo de bom e barato no treme terra e terror dos careiros”. Este ponto é uma quebra importante e faz com que não só a burguesia tenha acesso a todo o tipo de literatura, dentre eles também literatura infantil que ainda era novidade na época.

A partir daí os leitores aumentaram e os livros circulavam por artesãos, camponeses, sendo lidos oralmente por quem ali era alfabetizado. A tradição oral não acaba com a chegada



da leitura silenciosa. Ambas caminharam e fortaleceram o crescimento da leitura entre os brasileiros.

Os livreiros queriam alcançar o máximo de lugares possíveis, expandindo seus domínios com seus títulos na imprensa. Como cita a autora “as edições Quaresma [...], chegavam ‘lá pelos sertões da Bahia’ e ‘pelo norte de Minas Gerais’” (EL FAR, 2006, p. 33).

Para atrair mais leitores, os livreiros procuravam montar estratégias para o público achar os livros atraentes e divertidos a fim de consumi-los. Não só editores, mas os autores também davam seus reclames. Como no caso de Figueiredo Pimentel, que conta El Far (2006) teria forjado sua própria morte, deixando seus pertences numa praça pública e uma carta de suicídio no paletó. Não passava de propaganda para o seu livro *Suicida!*, seu novo romance.

Os livros que começaram a ser produzidos com fotografias chamavam muito a atenção e compradores, davam a oportunidade de o leitor ter um contato visual com sua leitura, abrindo espaços e novas dimensões de pensamento. El Far complementa:

[...] a utilização da fotografia no universo da cultura impressa, no início do século XX, intensificou ainda mais o processo de popularização do livro e da leitura no Brasil. Naquele momento, os jornais, os livros e as revistas ilustradas conseguiam difundir informações, ideias e opiniões por setores bastante diferenciados da sociedade brasileira (EL FAR, 2006, p. 38).

Alguns dos livreiros, como Jorge Zahar e Ênio Silveira, foram contra a ditadura militar produzindo obras que trouxessem ao povo a necessidade de pensar criticamente e lutar por um país democrático, onde pudesse se viver com dignidade e liberdade. Vemos, portanto, a vontade e a importância do comércio livreiro para ser parte de uma história democrática nacional.

Em questão às publicações de gênero, Lajolo e Zilberman (1998), demonstram alguns tipos de literatura. Para as mulheres, que agora já não só ficavam ociosas nas casas, elas liam romance e ficções, sendo para este público específico chamadas de *Coleção Rosa*, *Coleção Azul* e *Coleção Verde*.

Havia também as coleções para homens, não tão presente hoje em dia, mas que segundo Lajolo e Zilberman (1998), eram bem presentes na época, sendo de caráter erótico e pornográfico sendo proibidos às mulheres por serem de cunho imoral e elas não tendo “estrutura” para tal tipo de narrativa.

Em suma, o processo histórico desde o desenvolvimento das bibliotecas, a vinda da Real Biblioteca e a entrada do comércio livreiro e a popularização dos livros é uma profunda marca do leitor hoje sendo também um importante pilar para as lutas de resistência e a democracia no país.

No próximo capítulo, adentraremos os Clubes do Livro e como esta ferramenta pouco conhecida influenciou e influencia leitores em todo o mundo.

### 3 CLUBE DO LIVRO: UM ENCONTRO LITERÁRIO

Nesta seção que se segue, será iniciado um estudo sobre o Clube do Livro, suas aparições na história, influência aos participantes, grandes nomes da literatura que participaram destes encontros literários e como a leitura influencia ao leitor. Ainda mais, serão apresentados os Clubes que existem hoje, sua nova roupagem e a que público atingem.

#### 3.1 Clubes de Leitura: uma trajetória não linear

Sobre a aparição dos Clubes Literários têm-se pouco a dizer. De pouco interesse de pesquisadores, Petit (2009) diz ser o assunto por muito tempo considerado obsoleto, prática mais comum de anglo-saxões no século XIX. Vista como uma prática pertencente a bibliotecas públicas, em sua formação, porém, estas práticas estavam ligadas a pequenas comunidades que se reuniam em locais particulares, como casas dos próprios participantes ou locais comuns onde houvesse espaço para os leitores.

Segundo Chan (2015), casos na América de Clubes Literários estão ligados primariamente a *Benjamin Franklin* que teria formado uma sociedade literária em 1726. Silverman (c1999, p. 206) relata sobre a fundação de um dos Clubes mais antigos na América, por *Harry Scherman* em 1926, chamado “*The Book-of-the-Month Club*” na época de ouro, onde *Hemingway* e *Fitzgerald* publicavam suas obras primas e se encontravam nos bares de Paris.

Ainda mais, clubes teriam aparecido em Boston por volta de 1899 onde, aos sábados à tardinha, havia encontros para leituras com o objetivo de funcionarem como uma espécie de classe para melhorar o uso da língua e ensinar garotas imigrantes. Este era chamado de “*Saturday Evening Girls’ Club*” (CHAN, 2016, p. 22).

Estes cursos, segundo Chan (2016), se espalharam pelo país e como também fala Petit (2009) que estes se multiplicaram além de pela América pela Europa, com seu auge de aparecimentos nos anos 90. Em contradição com a ideia de Chan (2016) que diz que esta prática de leitura traz união e um pensamento unificado, há a pesquisa de Manley (2016).

No particular caso estudado por Manley (2016), vemos a aparição de um Clube do Livro em *Fethard, County Tipperary*, em 1835 na Irlanda, que seria um clube exclusivamente religioso. Casos assim, como este da Irlanda são raros e só foram possíveis por terem sido achados papéis que identificam uma Sociedade Literária por irlandeses evangélicos protestantes que moravam pela área, que na época vivia tempos de guerra religiosa.

Quanto à sociedade literária, Manley (2016) relata haverem dezoito membros sendo oito homens do círculo clérigo protestante e dez mulheres. A sobrevivência da sociedade e a própria lista das literaturas era, segundo o autor uma “fascinante janela da vida ascendente Anglo-Irlandesa num tempo de considerável hostilidade” (MANLEY, 2016, p. 128, tradução nossa).

O que acontecia era um fogo cruzado entre católicos e protestantes, o que resultava em brigas levando a assassinatos e violência. Segundo Manley (2016), foram mais de 250 mortos naquele ano. Mas conclui:

[...] mas para aqueles, como os membros da Fethard Sociedade Literária, que vivia em um mundo de repentina e letal violência, os livros que eles liam, as ideias contidas naqueles livros, e as pessoas a que eles associavam para ter acesso aqueles trabalhos realmente representavam uma questão de vida ou morte (MANLEY, 2016, p. 130, tradução nossa).

Do outro lado do oceano e em outra época, vislumbramos um florescimento dos Clubes Literários em diversos lugares como o caso citado por Roger (2002 apud CHAN, 2016 p. 22) onde em 1998, o então diretor do *Centro do Livro de Washington* na biblioteca pública em *Seattle*, lançou uma campanha intitulada “*One Book, One City*”, onde a cidade inteira lia um livro em particular.

Outros casos do mesmo programa foram notificados em cidades e estados como: *Chicago, Nova Iorque, Milwaukee e Syracuse, Arizona, Georgia* e etc. Esta iniciativa tinha por objetivo, como Roger (2002 apud CHAN, 2016, p. 22) concluiu de trazer discussões para um plano comum e unir as pessoas dentro de suas comunidades.

No Brasil, porém, a prática teve uma escala muito menor e menos impactante. A aparição destes veio apenas na década de 90 onde, em um sistema de assinaturas, vinha uma lista de livros onde o participante escolhia e recebia quinzenalmente em sua casa. Sobre os grupos de discussões não se há muitos estudos, apenas algumas poucas informações de encontros entre autores e a troca de cartas dos mesmos.

Um Clube do Livro escolar na década de 80 aparece como exemplo de que, apesar do lento e doloroso crescer do brasileiro como leitor, existiram iniciativas para a implementação de salões de conversas literárias. Idealizado pela própria Maria (2016), ela realizava em turmas de ensino médio Clubes de Leitura onde o aluno deveria escolher um livro e no fim do trimestre teria que entregar a resenha de pelo menos cinco leituras terminadas.

A resposta foi grandiosa dando um excelente retorno tanto ao interesse dos alunos pela literatura como a melhora em discurso e redação. A lista dos livros incluíam títulos de clássicos brasileiros como *Viva o povo brasileiro* do autor João Ubaldo Ribeiro. Como

mediadora Maria (2016) deu acesso, o toque inicial dos alunos a uma possibilidade de literaturas.

O Clube do Livro tem como por um de seus objetivos dar ao que nunca teve alcance, a oportunidade de abrir caminho para os livros. Livros estes que lhe serão como amigos e inimigos no permear de sua vida de leitura.

Ainda na experiência escolar, Zanchetta (2004) relata o Clube do Livro em escolas e em uma das que sua pesquisa alcançou, os alunos teriam lido *Menino de Asas* de Homero Homem, e a partir de suas leituras, ele chegou à conclusão de que as crianças tiveram certas dificuldades para a compreensão da obra. Zanchetta (2004) aponta a imaginação prejudicada dos alunos, forçando-os a limitar-se apenas a imagens já prontas. Faziam associações dos personagens a pessoas próximas. Os alunos alegaram que as ilustrações os ajudaram a compreender melhor o texto.

Como ilumina Zanchetta (2004, p. 104) sobre esta inserção imaginária dos alunos:

Os alunos partem de elementos narrativos existentes no livro e transformam de acordo com desejos e modelos pessoais, sobretudo quando é menor o entendimento que têm sobre o texto. Procuram simplificar as personagens, a fim de dar a elas um aspecto mais inteligível, utilizando-se, para isso, de características mais próximas. Tal procedimento é comum para quem pouco leu e também àquele que percorreu a narrativa por inteiro.

Complementa Zanchetta (2004) que os mediadores da leitura precisam escolher literaturas que possibilitem discussões profundas e que contribuam para sua formação como cidadão pertencente à comunidade. O mediador deve guiar e não limitar, ser sensível e conseguir enxergar os momentos propícios para a inserção de debates e aconselhamentos na leitura. Como bem diz Freire (2005, p. 26):

Dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário. Este não pode ser o modo de atuar de uma educadora ou de um educador cuja opção é libertadora. Quem apenas fala e jamais ouve; quem ‘imobiliza’ o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; quem considera petulância da classe trabalhadora reivindicar seus direitos; quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com a libertação nem democracia. Pelo contrário, quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconscientemente, ajuda a preservação das estruturas autoritárias.

A ideia de Clubes de Leitura também é comumente ligada a bibliotecas públicas, porém sua aparição também pode estar em escolas, como foi visto e em bibliotecas universitárias. Dentro da prática em bibliotecas públicas Alvaréz Alvaréz (2016) lista países

onde a prática é comum como *Estados Unidos, Reino Unido, Espanha* tendo em sua rotina a leitura de todo o tipo de literatura escolhidos pelos participantes ou pelo mediador. Dentro deste contexto, Freire (2005, p. 33) aconselha:

(...) a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora buscando o adentramento crítico no texto, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica.

O mediador, segundo Freire (2005) não deve ser detentor de “poder”, mas sim aberto a ouvir e saber conduzir corretamente seus participantes, nunca usando de opressão para calar ideias que possam soar contrárias às crenças daquele que media. O Clube do Livro deve ser, portanto, um local para, abertamente, ideias e compreensões serem ditas.

Em relação a Clubes de Leitura em bibliotecas universitárias, a frequência é menor, e como demonstra Fajardo (2010 apud CHAN, 2016, p. 23) a implementação de Clubes de Leitura nestes ambientes traz uma série de benefícios como: a aproximação da comunidade para a biblioteca, a promoção da imagem da biblioteca e o encorajamento ao aprendizado.

Chan (2016, p. 24) apresenta o “*Book Culture Club*” um novo viés do Clube Literário tradicional, onde os alunos universitários são divididos em equipes e promovem eventos, leituras compartilhadas, montando projetos gráficos e se preparando para o mercado de trabalho. Isto ultrapassa e vai além, elevando o Clube do Livro a uma oficina que gera novos pensamentos e projetos ao mercado livreiro, editorial e empresarial.

Sobre a biblioteca universitária e a implementação de Clubes de Leitura, Chan (2016, p. 27-28, tradução nossa) declara:

A biblioteca universitária não é simplesmente um repositório de livros e informação. Está, na verdade, em uma posição grandemente vantajosa de lançar esses programas que mostram várias linhas e tendências disciplinares e, deste modo, servem como uma ponte que liga os estudantes a outras diversas disciplinas. Toda a equipe administrativa, acadêmicos e estudantes de diferentes cursos e departamentos podem fazer parte do que estiverem interessados. Através das atividades do Clube, nós temos feito muitas conexões com numerosas partes dentro e fora do campus.

Doolittle e Talwalkar (2015) em sua pesquisa com 16 estudantes de graduação montaram grupos de discussões com uma leitura compartilhada durante um mês com a finalidade de avaliar o QI e o desenvolvimento dos mesmos dentro do Clube. A frequência não chegou a 100 % porém, as discussões com o grupo presente se mostrou espetacular e

incentivou os alunos a produzirem suas próprias pesquisas e publicações. Como Doolittle e Talwalkar (2015, p. 190-191, tradução nossa) finalizam:

A discussão no **clube do livro** se tornou um pilar no nosso programa curricular. Nós agora temos discutido quatro livros diferentes desde a implementação do clube original e os residentes têm embarcado em uma variedade de projetos pessoais de qualidade, levando a publicações revisadas por pares. Nós acreditamos que esta iniciativa foi um sucesso porque a literatura trazia ideias de ensino de qualidade e senso de comunidade e missão compartilhada que foram fomentadas entre os graduandos e residentes.

Já na visão do Clube do Livro como ferramenta de resistência temos o conhecido “*Left Book Club*” comentado por Deller (2016), fundado em 1936 por *Gollancz*, onde grupos recebiam literaturas mensais de cunhos comunistas em prol de fomentar e resistir ao fascismo durante a Segunda Grande Guerra no Reino Unido. Leituras como *George Orwell* estiveram em rodas pelos países chegando a 57,000 membros. Alguns professores queriam relançar o Clube, mas não notícias de seu desenvolvimento. A esta prática libertária a partir da leitura, elucida Britto (2015, p. 41-42):

[...] a liberdade não é um absoluto, mas uma condição que se conquista com a determinação dos direitos e com a consciência que a pessoa tem deles, de si, da sociedade e da vida. É algo que se conquista, algo que se aprende na relação com o outro, sempre na condição concreta da vida-vivida. Toda escolha será sempre constrangida pelo que somos e pelos condicionantes sociais que nos fazem.

Visualizando estas experiências é preciso compreender que construir um espaço individual onde se possa adentrar numa particularidade de leitura é um dos maiores desafios enquanto leitores. O ambiente que nos cerca, a comunidade a que pertencemos, tudo isso contribui para formar o leitor.

É importante, porém, contrapor a ideia de que ler é somente uma viagem fantástica e maravilhosa onde somos levados a um espaço elevado e encantado. Como bem frisa Azevedo (2004, p. 38):

Falam em algo “mágico”, num prazer “indescritível”, referem-se à “viagens” e coisas assim. Raramente, porém, talvez por não terem experiência, lembram-se de comentar, por exemplo, que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação.

A resposta em questão ao Clube dependerá do próprio leitor e sua construção individual a partir dos impactos primários e secundários que o participante é exposto desde sua infância. A comunidade a que pertence sua instrução religiosa, política e a estrutura familiar são ponteiros que também influenciam no gosto por determinadas leituras.

Em vista disso, destacam-se diversos estudos em Clubes de Livro em países como Canadá, Estados Unidos e China onde pesquisadores analisaram crianças, jovens e adultos em reuniões dentro destes Clubes de Leitura.

Wang (2017) em sua tese salienta a ideia de que a prática da leitura pode acontecer em casa, em organizações de comunidades locais e programas pós-aula. Que a literatura é inseparável de contexto e cultura e que esses pressupostos afetam o entendimento desta literatura lida por eles. E ainda mais, para compreendermos profundamente as posições de identidade dos leitores, a literatura lida dentro e fora da escola será essencial para esta construção.

Neste processo que exige prática e ânimo, mediadores são extremamente necessários. Os leitores são fecundados e incentivados também por estes que são os professores, bibliotecários e até mesmo o grande mercado editorial. Mediadores da leitura possuem uma responsabilidade sob aqueles a quem são recorridos, e principalmente ao profissional bibliotecário se estivermos olhando, por exemplo, para um Clube de Leitura em uma biblioteca escolar. Ainda sobre os mediadores dentro destes Clubes de Leitura, como cita Petit (2013, p. 29):

Aos professores, aos bibliotecários, aos pais, aos políticos. E inclusive aos leitores. O que podem fazer os mediadores de livros é, certamente, levar as crianças, - e os adultos - a uma maior familiaridade, uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. [...] Se tantos leitores e leitoras leem à noite, ainda hoje, se ler é muitas vezes um gesto das sombras, não é apenas por uma questão de culpabilidade: eles criam assim um espaço de intimidade, um jardim preservado dos olhares. Leem nas bordas, nas margens da vida, nos limites do mundo. E não deixam de nos surpreender.

Em casos observados por Choi (2009 apud WANG, 2017, p. 50), estudantes asiáticos e americanos quando colocados em diferentes grupos sociais com contextos sociais diferenciados, assumiram diferentes identidades. Ela conclui que explorar tal situação é complicado, mas é importante, aquém disto, prover múltiplas e relevantes práticas de literatura para acrescentar na construção de identidade destes leitores. Nogueira e Silva (2016, p. 25) reforçam a ideia:

A leitura é uma atividade individual, porém a compreensão e aceitação de textos recebe as influências do meio, ou seja, das experiências que tem. Fornecidas as condições para que haja a leitura, o sujeito pode se sentir um leitor, no sentido literal da palavra, quando toma consciência de que gosta de ler e exercita esta ação sem a imposição de terceiros. É quando saberá distinguir o que lhe atrai realmente. Sairá do estado do “eu não gosto de ler” para responder, se indagado, “eu não gosto de ler *isso*...”. E muito provavelmente, passará com maior facilidade por aquelas leituras consideradas por ele menos interessantes, porém, tão importante para ampliar sua visão de mundo.



Em vista disso, é interessante uma lista pré-elaborada de literaturas universais que promovam debates entre os participantes e que os façam refletir e adequar às suas realidades, assim resolvendo problemas, tratando traumas, abrindo possibilidades e levantando novas questões para discussão, promovendo, após isso tudo, a construção do leitor/cidadão que se é desejada. Citando Azevedo (2004, p. 40):

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis.

Outra terminologia para os encontros literários são as chamadas *tertúlias*, que segundo Petit (2009, p. 159) é uma “reunião de pessoas para discutir ou conversar”. Estes encontros que foram analisados por Petit (2009) tem por característica serem de livre participação com o objetivo maior de comentar as obras lidas anteriormente.

Literaturas juvenis ou clássicos são escolhidos pelos participantes e durante as reuniões os educadores ou bibliotecários iniciam as discussões. O nome da tertúlia é *Leer Juntos*, funda numa pequena vila e anos após seu início, se espalhou por várias outras pequenas cidades.

A experiência proporcionou união entre os habitantes e o acolhimento de novas pessoas. Provocando muito mais do que uma leitura compartilhada, uma partilha de vida e experiências pessoais.

Outro estudo de Petit (2009) apresenta o desenvolvimento de vários Clubes de Leitura em países como México, Argentina e Colômbia. Os perfis dos participantes são dos mais variados tanto quanto sua cultura, contexto social e econômico. Os resultados são grandiosos, tanto positivos como negativos revelando uma poderosa ferramenta que está às mãos de educadores e bibliotecários para ser desenvolvida em quaisquer ambientes de seu interesse.

E sobre estes Clubes de Leitura, Clubes do Livro, encontros literários e tertúlias, Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 144) finalizam:

A leitura é uma atividade dinâmica, em constante evolução; as maneiras de ler, de compreender, de interpretar, variam segundo as aptidões e os investimentos individuais. O modo de apropriação dos textos é criação, invenção, sempre em movimento; a análise dos controles sociais que ele sofre de maneira indireta continua por fazer.

Das novas práticas de Clubes Literários temos o relançamento dos clubes por assinatura, que há cerca de três anos tem tido um significativo aumento no Brasil. Apesar das marcas de um país que ainda tem muito para se tornar leitor, a resposta a esse novo serviço editorial supera expectativas.

Em pesquisas online, foram encontrados alguns destes, dos quais se destacam:

- ✓ TAG experiências literárias (adulto);
- ✓ Turista literário (adulto);
- ✓ Garimpo Clube do Livro (adulto e infanto-juvenil);
- ✓ Pacote de textos (adulto);
- ✓ Beco Club (adulto);
- ✓ Booxs (adultos com interesse em psicologia ou profissionais da área);
- ✓ Leiturinha (infantil);
- ✓ Clube de Leitura Quindim (infantil);
- ✓ Expresso Letrinhas (infantil);
- ✓ Wolfcrate (adulto);
- ✓ Clube do Livro Espírita Xico Xavier (adulto ao público religioso);
- ✓ Box 95 (adulto ao público religioso).

Estes são recebidos em um período mensal, trimestral ou semestral, em forma impressa com custos abaixo de 100 reais com o objetivo de incentivar a leitura nos públicos destacados e consolidar ideias religiosas (se for o caso do clube). Podem ser facilmente encontrados e alguns deles, a partir de sua assinatura os assinantes são incorporados a grupos de discussões online via *facebook*, *twitter* e *whatsapp*.

A iniciativa de leituras compartilhadas ganha imensas proporções com a acessibilidade promovida pela internet. Em exemplo, temos o site oficial da autora *J. K. Rowling* renomada e mundialmente conhecida por sua coleção de livros *Harry Potter*. Há alguns meses, os inscritos no site receberam e-mails de convite para juntar-se a um Clube do Livro relendo ou lendo pela primeira vez toda a coleção. As impressões seriam feitas em um dia determinado da semana no *twitter* oficial.

Tais iniciativas figuram partes das tantas facetas dos caminhos trilhados por leitores e mediadores através da história. Até mesmo a forma como se comunicam e discutem sua literatura sofre drásticas alterações, possuindo novas formas de impacto. Vivemos constantemente eras de mudanças e revoluções e com cada uma, novas possibilidades e caminhos de leitura são traçados.

Que os encontros literários continuem pululando o globo, trazendo consigo a espada de dois gumes da leitura solitária e compartilhada, do encontro e desencontro de leitor e autor, que o Clube Literário continue existindo em bibliotecas, casas e locais comunitários. Assim,

estaremos fortalecendo laços e dando a crianças, jovens e adultos a oportunidade de cruzar novos limites de si mesmos.

## 4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nos capítulos teóricos foi inicialmente bibliográfica, fazendo uma longa busca em bases de dados como CAPES, Brapci, Biblioteca Nacional e Library of Congress, utilizando termos controlados que melhor interpretassem o assunto principal e seus sub assuntos. A partir da varredura nas bases, fez-se filtragem mais detalhada e o que não era acessível via online, foi achado na biblioteca universitária da Universidade Federal do Pará ou foi adquirido de sites de livrarias pela internet.

Com o material separado, foi feita uma leitura inteligente dos assuntos abordados nos livros e artigos, fazendo-se uma pré-seleção do que seria lido a fim de economizar tempo e garimpar apenas o que fosse interessante para a pesquisa proposta. A leitura foi extensiva e analítica, promovendo discussões internas e assim o começo da montagem do texto.

O texto foi escrito a partir de métodos aprendidos em aulas de metodologia científica ministrados pelo professor Adagenor Ribeiro e pela professora Franciele Redigolo, montando um caminho de pesquisa baseando-se sempre no problema de pesquisa e nos objetivos específicos estabelecidos.

Para se chegar ao estágio final de digitação, o referencial teórico passou por leituras e releituras; ficou de “molho” e foram discutidos os pontos que potencialmente deveriam ser melhorados durante as orientações com a professora orientadora Franciele Redigolo.

O último capítulo do trabalho, de caráter analítico estando localizado nas discussões, pretende-se utilizar a análise textual, que, a partir da leitura do livro ficcional intitulada *A sociedade literária e a torta de casca de batata*, na qual serão estudadas as características e vivências dos personagens em sua experiência dentro de um Clube de Leitura dentro do contexto em que estão inseridos, seja avaliada a influência das leituras no leitor participante em vista das ideias dos autores selecionados anteriormente na seção 3.

### 4.1 Análise textual literária

A análise foi feita a partir das falas dos personagens nas cartas, visualizando individualmente as experiências literárias e suas influências nos leitores participantes fictícios. Tais análises foram acopladas aos pensamentos dos escritores teóricos que fundamentaram inicialmente a pesquisa.

A análise foi fundamentada no trabalho de Moraes (1999) que cita as cinco etapas do processo de análise de conteúdo, sendo:

- 1 - *Preparação das informações;*
- 2 - *Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades;*
- 3 - *Categorização ou classificação das unidades em categorias;*
- 4 - *Descrição;*
- 5 - *Interpretação.*

A **preparação** é obtida a partir da leitura da obra *A sociedade literária e a torta de casca de batata* que foi escrito em forma de correspondências trocadas entre os personagens, e tal recurso literário nos permite identificar, a partir do conteúdo revelado, a personalidade e os pensamentos dos mesmos.

A **unitarização** é a organização das citações e impressões marcadas e categorizando-os por importância onde é subdividido a obra pela apresentação do livro e o contexto em que foi escrito, depois retirou-se os personagens principais e secundários, **descrevendo** suas características físicas e indicado seu envolvimento na trama. É feita também a descrição do enredo, onde a história é destrinchada a fim de preparar o leitor para a análise dos participantes do Clube.

Finalmente, é feita a **interpretação** de todos os dados obtidos e mostrados a fim de obter as reflexões cruciais para a compreensão das diferentes influências no leitor que o Clube do livro possui.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na seção que se segue será analisado o livro ficcional *A sociedade literária e a torta de casca de batata*, onde num contexto histórico e literário serão retiradas reflexões das características e vivências dos personagens dentro de um Clube do Livro, fundado no cenário da invasão e ocupação de Hitler na Europa para que seja salientada a influência da leitura a partir desta ferramenta cultural.

### 5.1 A Sociedade literária e a torta de casca de batata: introduzindo a obra

Traduzido pela editora Rocco no ano de 2009 para o português, o livro “*A sociedade literária e a torta de casca de batata*” foi escrito inicialmente pela escritora norte-americana Mary Ann Shaffer, que foi livreira, editora e bibliotecária. Este foi seu primeiro romance, porém, enquanto escrevia, adquiriu câncer e temendo não conseguir terminar, pediu à sua sobrinha, Annie Barrows que o terminasse. A sobrinha já tinha publicado outros livros como a série infantil *Ivy and Bean* e em 2008 e, antes de ser publicado seu romance, Shaffer veio a falecer.

As autoras ambientaram o romance num cenário pós Segunda Guerra, com Hitler derrotado e uma Londres parcialmente destruída e as vidas voltando aos trilhos. Parte das cartas saem de Londres, onde mora Juliet Ashton, uma das personagens centrais do romance, algumas vêm da Escócia, outras da Austrália e a maioria parte da ilha Guernsey que fica no canal da Mancha próximo ao Reino Unido.

No romance são trocadas experiências de como é participar de uma Sociedade literária e como a guerra afetou a todos. Como os habitantes da ilha ficaram sem comunicação com o mundo exterior, a única forma de informação era a leitura. Levados a se reunirem por receio de serem presos pelo exército alemão, iniciam ali uma jornada que mudaria suas vidas.

A primeira parte do romance é a apresentação dos personagens, onde eles se conhecem e contam como são e como chegaram até ali. Em forma de cartas e em linguagem informal, as autoras mostram como a leitura os tirou da situação em que estavam e daí para frente foram capazes de prosseguir mesmo em vista a difícil situação em que estavam.

#### 5.1.1 Personagens

**Juliet Ashton** é uma das personagens centrais onde gira o enredo, tem 33 anos e mora em Londres. A descrição física da personagem é bem curta, apenas mostrando informações faciais: “Nos bons dias digo que meu cabelo é castanho com reflexos dourados. Nos maus dias, eu o chamo de cor-de-burro-quando-foge. [...] Meus olhos são cor de avelã. Embora eu seja magra, gostaria de ser mais alta” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 133).

Sobre sua história, é contado que os pais morreram em um acidente de carro, levando-a a morar com um tio-avô. Porém, com as constantes fugas e o descaso do tio, Juliet foi mandada, com o incentivo do reverendo Simon Simplex para um colégio interno. No colégio, conhece Sophia e o irmão, Sidney Stark que se tornam amigos e praticamente sua família (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 53-58).

Na época da guerra, Juliet trabalhava no jornal *Spectator*, sendo encarregada de escrever sob o pseudônimo *Izzy Bickerstaff* em uma coluna do jornal, onde, por meio de bom humor e sagacidade, escreveu uma série de textos que foram compilados e publicados por *Stephen's e Stark* editora, intitulado *Izzy Bickerstaff vai à guerra*.

Este foi o segundo livro publicado pela personagem que também teria escrito uma biografia sobre *Ane Brontë*, estando no decorrer da trama com o anseio de escrever um novo livro. Com a fama de *Izzy Bickerstaff*, o *Times* lhe pediu, por meio de seu editor, que ela se juntasse a mais dois autores, para, numa série de três artigos, escrever sobre o valor filosófico da leitura (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 42).

Por conta deste pedido, as cartas que ela troca com os habitantes da ilha de Guernsey e membros da *Sociedade literária e torta de casca de batata*, a permitem cavar mais fundo como foram suas experiências literárias.

**Dawsey Adams** é o primeiro morador da ilha a se comunicar com Juliet. Na obra ele é descrito como “moreno, magro e forte, e seu rosto tem um ar calmo e vigilante [...] o cabelo está ficando grisalho e ele tem olhos castanhos tão escuros que parecem pretos [...] não tem mais de quarenta anos [...] e manca ligeiramente” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 177).

A história de sua família é citada quase no fim do livro, incitando que por conta de como se deu a história de seus pais, seu comportamento silencioso e calmo tenha sido dali fundamentado.

Dawsey não teve uma infância feliz. O pai morreu quando ele tinha onze anos, e a sra. Adams, que sempre tinha sido frágil, ficou esquisita. Primeiro, começou a ter medo de ir à cidade, depois, de sair de casa para o próprio quintal, e, finalmente, recusava-se a sair de dentro de casa. Ela ficava sentada dentro da cozinha, se balançando, olhando para algo que Dawsey nunca conseguiu enxergar. Ela morreu logo depois que a guerra começou (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 253-254).

O personagem possui vários afazeres citados na obra: “[...] criador de porcos/ cultivador de flores/ carpinteiro/ pedreiro” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 286). O personagem ainda comenta que é descarregador de navios, como se lê:

Trabalho no cais de St. Peter Port – **descarregando navios**, portanto posso ler durante os intervalos para o chá. É uma benção ter chá de verdade e pão com manteiga, e agora... o seu livro. Também gostei da capa ser mole e eu poder carregá-lo no bolso por toda parte, embora eu tome cuidado para não terminá-lo muito depressa (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 37).

Simple e humilde, é um personagem que calmamente ganha espaço no clímax final do enredo.

**Eben Remsey** é também um dos habitantes da ilha e troca cartas com Juliet Ashton a pedido de Dawsey Adams. Não existem muitas descrições físicas exatas do personagem, apenas relances como ele ter “rosto vincado” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 176). Sobre sua família, ele mesmo conta no começo de sua primeira carta a Juliet: “Meus pais e avós eram escultores de lápides – cordeiros eram sua especialidade” e ainda continua sobre no que trabalha “[...] para ganhar a vida, eu pesco” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 74).

Eben é avô de Eli, uma das crianças que foi retirada da ilha quando os soldados alemães estavam chegando para ocupar e após a derrota de Hitler, voltou para a ilha para morar com o avô. A mãe de Eli, **Jane Remsey**, estava grávida do filho mais novo quando a guerra começou. Melhor amiga de Elizabeth MacKenna, foi o motivo de Elizabeth ficar na ilha.

Sobre Jane e o pai de Eli, é citado: “Jane e seu bebê recém-nascido morreram no hospital no dia em que os alemães nos bombardearam, 28 de junho de 1940. O pai de Eli foi morto no Norte da África, em 1942” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 86).

Na época da guerra, Eben trabalhou numa estufa, porém, como complementa: “[...] eu sentia saudades do meu barco e do mar” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 88).

**Amelia Maugery** é uma personagem que representa a imagem “maternal” para Sociedade literária. As reuniões acontecem principalmente em sua casa e ela foi quem recebeu os membros para comerem o porco que daria origem à *Sociedade literária e a torta de casca de batata*. A descrição física da personagem é feita por Juliet, que chegando ao porto de Guernsey, diz: “Pequena, rosto fino, lindo sorriso, cabelo grisalho com uma grinalda de tranças” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 177).

Como se fosse uma espécie de “presidente” da Sociedade, Amelia se comunica com Juliet para saber mais de suas intenções quanto ao seu artigo do *Times*. É uma das guardiãs da filha de Elizabeth MacKenna e mora ao lado de Isola Pribby.



**Isola Pribby** é uma personagem cômica e esdrúxula. Uma espécie de aspirante a bruxa, tem um bom humor incomparável e é muito afetuosa. Sua aparência é dita por ela como “[...] não muito agradável. Meu nariz é grande e quebrou quando caí do telhado do galinheiro. Um dos meus olhos fica revirado para cima e meu cabelo é rebelde e não fica penteado. Sou alta e tenho ossos grandes (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 65)”.

Cuida de galinhas, tem um papagaio chamado Zenobia e uma cabra chamada Uriel. Vende ervas na feira e trabalha com poções, como bem é citado: “Tenho uma barraca no mercado toda semana, onde vendo minhas conservas, meus legumes e elixires que faço para restaurar o ardor masculino” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 65). Membro da Sociedade literária, ela auxilia na criação de Kit MacKenna.

**John Booker** foi um mordomo que veio com Lorde Tobias e a esposa, seus então chefes, de Londres para trabalhar em sua mansão de veraneio. Quando os alemães invadiram a ilha, rapidamente Lorde Tobias e a esposa fugiram em seu iate e pegaram o que podiam para levar consigo. O personagem, ao ver o chefe no iate, se lembrou de toda a bebida que tinha ficado na adega e cita:

Pensei em todas aquelas garrafas de vinho, champanhe, conhaque que não couberam no iate – e em mim, sozinho no meio delas. Pensei: chega de sinetas, chega de uniforme, chega de Lorde Tobias. De fato, *chega de trabalhar como criado*. [...] Então voltei para a biblioteca, provei o vinho e comeci a ler *O companheiro do amante de vinhos* (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 104).

Porém, os alemães iriam vistoriar todas as casas e mansões a fim de alojar-se, o que colocava sua posição de mordomo em risco. Com a ajuda de Elizabeth MacKenna, John Booker fingiu ser o próprio Lorde Tobias. Mesmo com a história acreditada, ele foi mandado para o chalé. No decorrer da noite, transportou toda a bebida que pôde.

Por conta de uma garota que namorava um dos soldados, Booker foi descoberto e mandado para o campo de concentração de Neunengamme. Ficou lá até a derrota dos alemães, quando foi enviado de volta para a ilha de Guernsey.

**Will Thisbee** também membro da Sociedade literária, é funileiro e inventor. Como diz: “Também invento aparelhos para poupar trabalho – o mais recente foi um pregador de roupa elétrico que faz a roupa flutuar delicadamente no ar, poupando os pulsos da lavadeira” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 115). Sua participação não é intensamente revelada nas cartas, portanto é considerado um personagem secundário.

**Adelaide Addison** é uma das antagonistas da história. Por ter fortes opiniões religiosas, critica as reuniões por não concordar com o que é lido, como eles agem e o fato de criarem em “comunidade” a filha de Elizabeth MacKenna. Como ela diz:

A sra. Maugery, na época da prisão de Elizabeth, levou o bebê para casa. E desde aquela noite? A Sociedade literária cria a criança como se fosse sua – ela passa temporadas na casa de cada um deles. A principal responsável pelo sustento da criança é Amelia Maugery, e os outros membros da Sociedade a levam para casa – como se fosse um livro da biblioteca – para passar várias semanas de cada vez (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 96).

Envia cartas a Juliet a fim de desencorajá-la a contar em seu artigo sobre as pessoas da ilha pertencentes à Sociedade literária. Ultrajada pela continuidade de Juliet com o artigo, despeja uma série de más falas a respeito dos outros membros da Sociedade.

**Clovis Fossey** é um fazendeiro e passou a frequentar as reuniões por conta de seu interesse por poesias. Não existem descrições físicas do personagem nas cartas, apenas sua experiência de leitura e sua motivação a entrar na Sociedade que é destrinchada na subseção 5.1.3.

**Clara Saussey** foi membro da Sociedade. Saiu após os membros ficarem irritadiços por conta de sua leitura de seu livro de culinária. Não existem mais relatos da personagem além deste episódio (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 117-118).

**Elizabeth MacKenna** é uma das personagens principais, já que praticamente todo o enredo e a história dos habitantes da ilha se entrelaça com o dela. Não era natural da ilha, mas foi morar com a mãe que era governanta, na casa do Sir Ambrose Ivers. Quando a mãe morreu, Elizabeth tinha quatorze anos. A casa de veraneio de Ambrose na ilha foi deixada para Elizabeth (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 78-79).

Personagem forte, comunicativa e bem humorada, veio a ser o pilar da Sociedade e é o fio que liga os personagens da ilha. Apaixonou-se por um soldado alemão e teve, sozinha, a filha Kit MacKenna. Por abrigar um escravo Todt, foi mandada para o campo de concentração. Seu personagem é apenas lembrado em memórias, não estando de fato no tempo presente em que ocorre o romance. Foi executada em 1945.

**Sidney Stark** é um dos donos da *Stephen's & Stark* editora, porém o único a aparecer no livro. Irmão mais velho da melhor amiga de Juliet, e dez anos mais velho que ambas, possui uma personalidade forte e é apresentado no livro como autoritário. Tal característica lhe serve bem no seu emprego e sua participação na trama é secundária.

Mostra suporte à Juliet e faz o leitor pensar, até a segunda parte do enredo, que está apaixonado por ela. Porém, a descoberta essencial para o clímax é que quando vai visitar a ilha de Guernsey, é descoberto por um dos membros da Sociedade como homossexual.

**Sophie Strachan** é irmã de Sidney Stark e melhor amiga de Juliet Ashton. Personagem secundário, vem a ser receptora de muitas cartas de Juliet para depositar

ansiedades e pensamentos pessoais não expressados para os outros personagens. Mora na Escócia com o marido e o filho, Dominic.

**Susan Scott** é uma personagem secundária, empregada de Sidney Stark, acompanha Juliet no início da obra para ler em livrarias, dar autógrafos e mini palestras pelas cidades aos arredores de Londres a fim de promover o livro de *Izzy Bickerstaff vai à guerra*. Como é citada: “Susan e eu partimos amanhã para o tour de livrarias em Colchester, Norwich, King’s Lynn, Bradford e Leeds” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 21).

**Markham V. Reynolds Jr.** ou **Mark Reynolds** é um pretendente de Juliet Ashton. Rico, é citado como “[...] filho e herdeiro de Markham V. Reynolds Sênior, que tinha o monopólio da fabricação de papel nos Estados Unidos e que agora é dono da maioria das fábricas de papel” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 31). É, um editor-chefe, magnata, americano e está em Londres para abrir um escritório de uma de suas revistas. A descrição física do personagem é feita por Juliet em uma carta para Sophie Strachan:

Moreno, lindos olhos azuis. Sapatos de couro maravilhosos, um elegante terno de lã, lenço imaculadamente branco no bolso do paletó. É claro que, sendo americano, ele é alto e tem um daqueles sorrisos alarmanamente americanos, dentes brilhantes e bom humor, mas ele não é um americano cordial. Ele tem uma presença marcante e está acostumado a dar ordens (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 51).

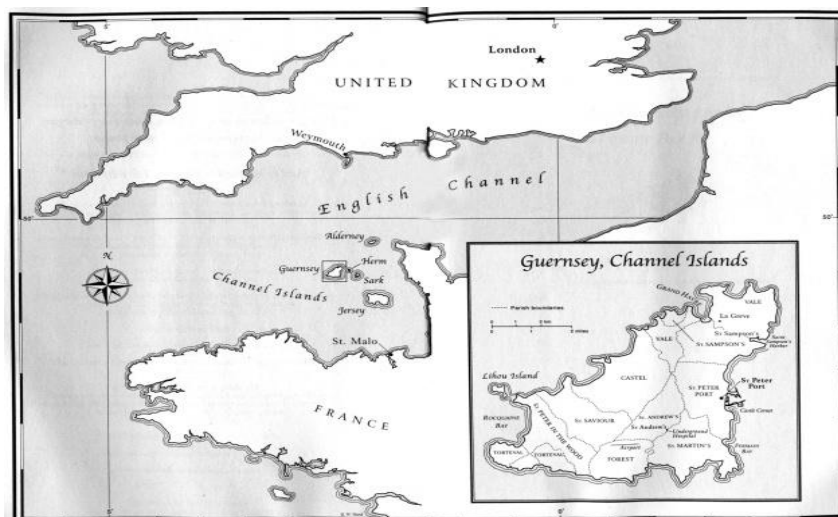
Tem problemas com o personagem Sidney Stark e vem a se mostrar possessivo e violento. Seu personagem influencia o clímax final do enredo.

### 5.1.2 Enredo

O enredo se envolve entre a vida em Londres de Juliet Ashton, seu relacionamento com Mark Reynolds Jr., Sidney Stark e Sophie Strachan e as correspondências que ela troca com Dawsey Adams e os outros habitantes da ilha. As cartas trocadas por esses personagens iniciais são de caráter pessoal para falar sobre o *tour* de Juliet nos arredores de Londres, sobre as investidas de Mark Reynolds e sobre os anseios e desejos de Juliet sobre seu novo livro.

Esta parte que gira em torno da vida de Juliet é interferida pelas cartas que partem de Guernsey. Dawsey é o primeiro a se comunicar com ela porque teria adquirido um livro que fora seu. Faz perguntas sobre o que ela acha do livro em vista das anotações nas margens que Juliet deixara. Dawsey cita a Sociedade literária e a partir do interesse de Juliet, outros membros passam a se comunicar com ela.

Juliet fala de seu interesse pela experiência literária dos participantes para serem citados em seu artigo no *Times* onde ela estaria escrevendo sobre o lado filosófico da leitura.



**Figura 1** - Mapa de Guernsey e arredores

**Fonte:** (SHAFFER; BARROWS, 2009).

Portanto, após algumas cartas para “aprovar” o bom caráter de Juliet, é contada toda a história da Sociedade. Parte do exército alemão invadiu a ilha de Guernsey e se instalou lá durante a guerra. “Eles chegaram aqui no domingo, 30 de junho de 1940, depois de nos terem bombardeado dois dias antes” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 75), cita um dos personagens ao ver o exército atracar na ilha e tomar conta de tudo, por perceberem que a Inglaterra havia deixado sem proteção àquela parte de sua propriedade. Uma das personagens também descreve a chegada dos alemães, dizendo:

Guernsey parecia calma naquela terça-feira – mas nós sabíamos que eles estavam lá! Aviões e navios carregando soldados tinham chegado na véspera. Enormes Junkers pousaram e, depois de desembarcar os homens, decolaram de novo. Mais leves e mais travessos, eles foram voando baixo, subindo e descendo, por cima de Guernsey, assustando as vacas nos pastos (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 156).

Em virtude da chegada dos alemães à ilha, toda a rotina do povo mudou. Foram obrigados a lidar com toque de recolher, a boa comida como animais, legumes e frutas foi realocada para onde estavam os soldados a fim de alimentá-los. Além disso, muitos foram retirados de suas casas, e como não havia mais contato com o exterior, o povo foi ficando sem nada, até mesmo sabão, como conta a personagem Sally Ann Frobishe que relata que todos possuíam algum tipo de doença na pele.

Com a escassez do alimento, muitos ficaram sem o que comer, principalmente os trabalhadores Todt, trazidos junto com os soldados. Muitos definhavam e o livro relata que os próprios habitantes da ilha ajudavam clandestinamente dando o que podiam para que eles também pudessem se alimentar. É contado o caso de um que não aceitava a comida, mas que

gostava quando as crianças iam vê-los trabalhar atrás da cerca porque ele gostava de tocar nas suas cabeças.

Tendo em vista o cenário de um povo “cativo” dos alemães em plena guerra, adentramos a parte onde foi fundada a *Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata*. Mais de um personagem conta como se iniciou, porém vamos englobar todos para uma completude dos fatos.

Tudo começou por causa de um porco. Por conta da falta de comida e a restrição severa feita pelos alemães, os animais foram listados e só podiam ser mantidos com a permissão deles. Portanto, aconteceu da seguinte forma, como se cita:

Will Thisbee tinha um porco doente, que morreu. O FA veio e emitiu uma certidão de óbito dizendo que o porco estava realmente morto e deixou Will em paz para enterrar o pobre animal. Mas Will não o enterrou – ele atravessou o bosque com o cadáver do bicho e o entregou para Amelia Maugery. Amelia escondeu seu porco saudável e chamou o FA, dizendo: “Venha depressa, meu porco morreu” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 89).

Assim, Dawsey matou o porco e eles comeram naquela noite. Como havia toque de recolher, tiveram que se apressar para saírem sem que os soldados percebessem. O caminho de volta foi interrompido por um grupo de soldados que indagaram o que eles faziam àquela hora da noite, fora de suas casas. Dawsey segurava o bêbado John Booker e mais ninguém teve coragem se de pronunciar.

Foi então que Elizabeth MacKenna deu um passo à frente e inventou a história de que estavam vindo de uma reunião da Sociedade literária que ficava na casa de Amelia, onde eles se reuniam regularmente. Elizabeth os convidou a participarem quando quisessem. Era uma mentira que os tornou cúmplices e obrigados a abrir, de fato, a Sociedade.

No outro dia, Elizabeth e Dawsey foram à livraria Fox para comprarem livros para a sociedade. Então, cada um pegou um livro que mais lhe agradasse para ler e depois ir falar sobre na reunião da Sociedade (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 60-61).

Este é apenas um dos fatos citado no enredo que tem Elizabeth MacKenna como personagem principal para o clímax da história. Existem vários outros, como o que define o fim da história de Elizabeth onde ela teria, junto com um morador da ilha, abrigado um menino com mais ou menos dezesseis anos, que era um escravo polonês Todt, que estava perto da morte por causa da severa desnutrição e os vermes que andavam por todo o seu corpo.

Eles dois foram delatados e mandados para diferentes campos de concentração. Elizabeth teria sido mandada para um que ficava na Alemanha e a partir de sua ida, não se teria mais notícias de seu paradeiro.

No decorrer destes acontecimentos as reuniões aconteciam e as discussões sobre o que era lido, acrescentavam e os auxiliava a lidar com as situações de perda, limitação e escassez passadas naquela época difícil.

A segunda parte do livro é onde o clímax toma forma. Em interesse para escrever agora sobre as experiências dos habitantes da ilha na época da guerra, Juliet vai até Guernsey para fazer entrevistas e colher todo o material possível para o seu livro. Lá ela conhece pessoalmente todos os seus correspondentes e começa a se envolver profundamente com cada um deles.

Nesta parte do enredo, Juliet Ashton se vê apaixonada por Dawsey Adams, mas ainda prometida a Mark Reynolds. Apaixona-se por Kit MacKenna, filha de Elizabeth e decide ser sua guardiã definitiva. Com o término de seu relacionamento com Reynolds, quando ele a visita em Guernsey, tenta se aproximar de Dawsey, mas tem dúvidas sobre a reciprocidade do sentimento quando uma moça que teria vivido com Elizabeth no campo de concentração vai passar um tempo na ilha.

Por esta moça, Remy Giraud é enviada a carta que Elizabeth teria sido executada em março de 1945. A causa de sua execução teria sido no momento em que uma supervisora batia numa das moças com um cassetete, ela teria saído de sua posição na fila e rapidamente teria pego o mesmo cassetete e batido até deixar a supervisora no chão (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 195-199).

O enredo termina com Elizabeth pedindo Dawsey em casamento e o envio de uma carta de Juliet para Sidney o convidando para a festa de seu casamento.

A riqueza do enredo vem por acrescentar esta tão bem escrita obra que traz uma nova faceta do cenário da guerra e o pós-guerra. Guerra essa que deixou rastros inesquecíveis para trás. Mas, o mais importante o impacto que a leitura teve numa época onde as esperanças se tornavam escassas a cada passo de Hitler, invadindo casas, vidas e perspectivas.

Como bem diz Juliet Ashton: “Mas a verdade é que estou deprimida – mais deprimida do que jamais estive durante a guerra. Tudo está tão destruído, Sophie: as ruas, os prédios, as pessoas. Particularmente as pessoas” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 15).

### 5.1.3 Análises das experiências no Clube do Livro: os personagens

Para analisarmos a influência dos membros participantes da Sociedade literária, levaremos em consideração quem são, o ambiente em que estão inseridos e como as leituras os impactam a partir de suas próprias impressões reveladas nas cartas trocadas com Juliet Ashton. As influências salientadas a partir de comentários e complementadas com as visões demonstradas pelos autores que fundamentam o trabalho e segundo a metodologia escolhida.

Em vista dos episódios anteriormente narrados sobre o início da *Sociedade literária e a torta de casca de batata*, os vizinhos que tinham se reunido para comer o porco assado na casa de Amelia Maugery, tiveram que escolher uma leitura para ser discutida na reunião do mais novo Clube do Livro de Guernsey.

A primeira experiência compartilhada foi de **Dawsey Adams** para Juliet Ashton. Ele teria se comunicado com Juliet por conta de um livro em sua posse que teria pertencido a ela, e ali teria mencionado a *Sociedade literária e a torta de casca de batata*.

O livro mais importante na experiência literária de **Dawsey Adams** teria sido *Seleções de Ensaios de Elia*, escrito por *Charles Lamb*. Este livro vem a ser uma ponte de comunicação entre os dois personagens e também serviu de inspiração e reflexão para Dawsey. Como ele mesmo diz: “Vou ser direto – adoro Charles Lamb” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 17).

Ele sentiu afinidade com o autor por ele também mencionar uma história com um porco assado, que teria sido também o início da Sociedade dos habitantes da ilha. Em carta, Dawsey Adams pede à Juliet Ashton para enviar uma biografia de *Charles Lamb*, com interesse de se aprofundar mais em sua história. “Apesar de sua mente brilhante e reflexiva, acho que o Sr. Lamb deve ter tido uma grande tristeza em sua vida” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 17).

Quando Dawsey adquire a biografia, entra numa série de discussões sobre os acontecimentos da vida de seu autor favorito. Lendo e terminando a obra rapidamente, ele ressalta o que acha do biógrafo de *Lamb*: “Ele conseguia transformar qualquer coisa simples e familiar em algo novo e lindo” e ainda Dawsey complementa: “Os textos de *Lamb* me fazem sentir mais em casa na sua Londres do que aqui, em St. Peter Port” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 128).

Tal pensamento vem a ser um indicativo de que a leitura, dentre outros impactos, provoca o deslocamento do leitor para outras partes do mundo, outras realidades e faz o leitor encarnar em outras peles, através do simples ato de ler.

Em continuação as suas impressões, Dawsey Adams fala um pouco da história contada no livro, onde *Charles Lamb*, um dia, encontra em um canto a mãe morta e o pai sangrando e, no outro, a irmã Mary, com uma faca na mão. Dawsey conta que *Charles Lamb* conseguiu

convencer o júri a libertar sua irmã para deixá-la a seus cuidados. O personagem se pergunta como isso foi possível e continua:

Imagine os dois: ele tinha de vigiá-la como um falcão para perceber os terríveis sintomas, e ela mesma sabia quando a loucura estava chegando e não podia fazer nada para impedir – isso deve ter sido o pior de tudo. Eu o imagino ali sentado, vigiando-a disfarçadamente, e ela ali sentada, vendo-o vigiá-la. Como eles devem ter odiado o modo como o outro era obrigado a viver (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 129).

A partir de seus pensamentos, Dawsey encontrou ali um poço de linhas onde ele podia encontrar prazer e pensamentos reflexivos. Como o personagem mesmo complementa: “[...] mas queria que [...] soubessem quanto seus livros me fizeram pensar e o prazer que encontro neles” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 129).

O livro e a leitura, como são demonstrados por Petit (2009), dentro dos Clubes literários onde existe a comunicação e troca de experiências pelos leitores, promove a aproximação da comunidade e também a oportunidade para conhecer novas pessoas. É importante lembrar que esses casos citados por Petit (2009) não pertencem somente a bibliotecas, mas também acontecem em pequenas comunidades como a da ilha de Guernsey.

Caso parecido acontece com o personagem Dawsey Adams, onde, enquanto tinha que transportar barris com água do mar a fim de tirar o sal já que não havia suficiente na ilha, parara para aquecer as mãos, sendo assistido por um soldado alemão, Christian Hellman que o auxiliou no processo. Em certa parte do caminho, por Dawsey ser um pouco manco, escorregaram e ambos caíram na neve. O barriu bateu nas rochas e quebrou, provocando riso nos dois. E em seguida, por ter caído o livrinho do bolso de Dawsey, Christian diz:

“Ah, Charles Lamb”, ele disse e me devolveu. “Ele não era um homem de se importar com um pouco de umidade”. Ele deve ter notado minha surpresa, porque acrescentou: “Eu costumava lê-lo em casa. Tenho inveja da sua biblioteca portátil” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 111).

O personagem de Dawsey Adams reflete a partir destes acontecimentos como o livro de *Lamb* e a própria Sociedade, lhe concedeu a oportunidade de conhecer pessoas muito importantes para sua vida. Em carta à Juliet Ashton, ele conclui: “Mas, às vezes, penso em Charles Lamb e fico maravilhado com o fato de que um homem nascido em 1775 tenha permitido que eu me tornasse amigo de pessoas como a senhorita e Christian” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 112).

Percebemos, portanto, em Dawsey Adams a grande positiva influência de sua experiência no Clube literário e como, a partir do contato com as leituras e o próprio livro físico, lhe abriram caminhos para conhecer novas pessoas e acrescentar em suas reflexões.



A segunda personagem a compartilhar suas experiências na Sociedade literária é **Amelia Maugery**, dona do porco e como já mostrado, a imagem maternal dentro do Clube. A Sra. Maugery se comunica com Juliet Ashton e também conta sobre a história do início da Sociedade literária.

Se vendo, portanto, com os livros comprados por Dawsey e Elizabeth na Fox, cada um havia de escolher o que leria para discutir. A personagem escolhe um livro de *Charles Dickens*, *As aventuras do senhor Pickwick*, em vista de melhorar os ânimos. Como a personagem mesmo diz: “Escolhi *As aventuras do senhor Pickwick*, pensando que ele melhoraria meu ânimo – e melhorou” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 62).

A personagem conta a Juliet Ashton como a Sociedade, que começara por medo da represália dos soldados alemães, se tornou um encontro que traduzia a união dos vizinhos que ela mesma, diz que “conhecia [...], mas não os conhecia muito bem” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 61). Confirmando também a ideia de Petit (2009) sobre a importância de tais encontros dentro de pequenas comunidades.

E tendo se iniciado a Sociedade, foram estabelecidas regras como cada um ter sua vez para falar do livro que tinha lido e serem objetivos. Porém, após se envolverem com a leitura, os participantes tinham vontade de fazer com que os outros participantes lessem o livro que tinham lido, caindo assim a objetividade pré-estabelecida.

Tal regra de objetividade não é realmente citada na literatura pesquisada, porém, em casos como os de Clubes do livro dentro de bibliotecas, é importante que um tempo seja estipulado para boa fluência da programação. Nunca, porém, de maneira que venha a extinguir a liberdade de expressão do participante, como bem frisa Freire (2005).

Ainda no contexto da formação da *Sociedade literária e a torta de casca de batata*, Amelia cita a presença do participante responsável pela Lei e ordem, que no tempo do enredo, seria Isola Pribby, que em poder do martelo, teria a autoridade de cessar as discussões demasiado acaloradas (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 60).

Em resumo do personagem, percebemos que mesmo com o cenário da guerra e a escassez de recursos, na Sociedade literária, Amelia Maugery encontrou um porto de esperança e conforto. E mais que tudo, fortaleceu seus laços com os vizinhos revertendo tal experiência em uma influência positiva para a personagem.

Em seguida, temos **Isola Pribby**, que no enredo revela mais de uma experiência literária, iniciando com as irmãs *Brontë*, que teriam sido sua principal leitura na época da Ocupação Alemã. Em cartas a Juliet Ashton, a personagem diz não ter mais as anotações das outras irmãs de *Emily Brontë* por ter que avivar o fogo de seu fogão e como ela mesma

complementa: “[...] não havia nenhum outro papel na casa. Eu já tinha queimado as tabelas de marés, o Livro do Apocalipse e a história de Jó” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 64).

Ela revela em sua carta para Juliet seu desgosto pelo pai das irmãs *Brontë*, descaso e como isso talvez tenha influenciado em sua literatura. O livro central de sua discussão é *O morro dos ventos uivantes*, escrito por *Emily Brontë* onde ela reflete que por conta do pai autoritário e o pai bêbado, criar o personagem *Heathcliff* foi uma forma de dar um grito de liberdade àquela realidade miserável. “Emily teve que criar Heathcliff do nada! E fez um ótimo trabalho. Os homens são mais interessantes em livros do que na vida real” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 64).

A personagem conta que não teria gostado muito de *O morro dos ventos uivantes*, mas “assim que aquele fantasma, Cathy, passou os dedos ossudos pelo vidro da janela, fiquei fascinada e não consegui mais largar o livro” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 64). Sua leitura envolvente a fez adentrar uma nova realidade, diferente daquela, em meio ao caos da guerra. E ela ainda termina: “Ler livros bons não permite que você goste de livros ruins” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 64).

Diferente dos outros personagens Isola Pribby também apresenta suas próprias produções a partir de suas leituras. Maria (2016) apresenta algo parecido em sua experiência numa biblioteca escolar, demonstrando os benefícios práticos da leitura, como, por exemplo, a escrita a partir do que foi lido. A personagem Isola Pribby se baseia, na segunda parte do livro, nas obras de crime policial da personagem *Miss Marple*.

Esta vontade de expressar seus pensamentos vem depois de resolver o quase rapto das obras recém-achadas de Oscar Wilde na ilha dentro da Sociedade literária. Com sagacidade ela impede que a secretária de Sidney Stark, **Billee Bee**, furete as cartas que seriam escritos inéditos do autor para serem publicados por uma editora rival da *Stephen's & Stark* editora.

Assim, Isola Pribby, em cartas a Sidney Stark, comenta sobre *Miss Marple*: “Miss Marple [...] é uma detetive de livros de ficção que usa tudo o que sabe sobre a NATUREZA HUMANA para desvendar mistérios e solucionar crimes que a polícia não consegue solucionar” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 280). E ainda diz: “[...] peguei emprestados alguns livros da Miss Marple. Ela é uma figura, não é? Fica ali sentada, quietinha, tricotando, vendo coisas que ninguém vê” (SHAFFER; BARROWS, *ibidem*, p. 281).

Então, Isola Pribby começa a escrever em um tipo de diário e enviar para Sidney a fim de desvendar quaisquer mistérios que venham a acontecer na ilha de Guernsey. Portanto, vemos a forte influência das leituras na personagem, fazendo com que Isola parta do estado de

leitor para o de autor, se envolvendo com o que ocorre ao redor de seu cotidiano para reflexões e resoluções de possíveis casos.

O próximo membro da Sociedade literária é **Eben Remsey**, que em união aos vizinhos, também escolheu um livro para ler. Como o personagem diz: “Eu não tinha gosto por essas coisas naquela época. Foi só o pensamento no comandante e na cadeia que me fez abrir o livro e começar a ler” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 75).

A obra escolhida pelo personagem foi *Seleções de Shakespeare*. O livro o auxiliou a ver beleza mesmo quando tudo parecia sem sentido e cheio de tristeza. O personagem diz não compreender profundamente os escritos do autor escolhido, mas o que pouco entendia, gostava e acredita que escritores como *Dickens*, *Wordsworth* e principalmente *Shakespeare*, escreviam pensando em pessoas como ele (SHAFFER; BARROWS, *ibid.*, p. 75).

Com a chegada dos alemães, a perda de sua filha e a remoção de seu neto para a Inglaterra, Eben Remsey encontrou na leitura o que precisava para prosseguir. As reuniões da Sociedade e as discussões o auxiliaram em momentos escuros e imprecisos na guerra. Como Eben termina: “Nós nos agarramos aos livros e aos amigos; eles nos faziam lembrar que havia um outro lado em nós” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 76).

Ler também é poder possuir uma experiência pessoal de liberdade e crescimento. Um amigo para os tempos ruins. Como bem reflete o neto de Eben, Eli Remsey:

Havia um velho sapato de lona jogado no meio do caminho. Eli se aproximou dele e ficou olhando. Finalmente, ele disse:

- Esse sapato está sozinho, vovô.

Respondi que sim, que ele estava sozinho. Ele ficou olhando mais um pouco e então prosseguimos. Depois de um tempo, ele disse:

- Vovô, nunca fico assim.

- Assim como? – perguntei a ele. E ele disse:

- Solitário em meu espírito. (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 140).

O próximo membro da Sociedade literária é **Will Thisbee**. Funileiro e como alguns outros participantes da Sociedade, não tinha muito contato com a leitura. Tanto que Thisbee comenta que não achou nenhum tipo de consolo na leitura no início. “Eu só ia até lá e comia minha torta, quieto, num canto” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 115).

Mas com a indicação de Isola Pribby, começou a ler *Passado e presente* escrito por *Thomas Carlyle*. A leitura para o membro não foi tão prazerosa até certa parte da obra onde ele se depara com o assunto religião. Dali, o personagem ingressou em pensamentos reflexivos sobre a obra de *Carlyle* onde comentava sobre a alma. E Thisbee revela ainda a *Juliet*:

Isso não é incrível – conhecer sua alma por ouvir dizer e não por conhecimento próprio? Por que eu deveria deixar um pastor me dizer se eu tinha ou não uma alma?

Se eu pudesse acreditar que tinha uma alma por mim mesmo, então eu poderia entrar em contato com ela, sozinho (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 116).

A discussão provocada incitou outras indagações, promovendo uma acalorada troca de pensamentos diversos. Tal leitura trouxe para Will Thisbee, uma forte influência, o fazendo entrar em contato com perguntas anteriormente não nascidas em sua mente. A leitura, como fala Azevedo (2004), é uma construção, um esforço. Se houver esta escalada árdua e silenciosa, chegaremos aos resultados esperados da leitura. Zanchetta (2004) ainda complementa quando indica que existam leituras que auxiliem no pensamento e discussões críticas do leitor.

**Clara Saussey** não leu livro de outros autores, mas o seu próprio. Ela escrevera um livro de culinária e, em uma das reuniões, escolhera falar sobre como se assa um leitão. A leitura causou alvoroço, lágrimas e raiva vindas dos participantes. Saussey não compreendera porque causara tal impressão aos outros membros, mas fica claro o porquê, já que passavam por uma época de escassez dos alimentos que eram removidos pelos soldados alemães (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 117-118).

Saussey ainda é de certa forma contra a Sociedade, sendo um ex-membro no tempo em que envia sua carta para Juliet. Incita a ideia de que “eles nunca teriam tocado num livro se não fosse pela DISTRAÇÃO” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 118).

As reuniões da Sociedade não lhe influenciaram positivamente, fazendo com que ela se afastasse. O fato de ela não ter tido contato com nenhum tipo de literatura de fato, não lhe proporcionou uma real e pessoal experiência literária.

**Clovis Fossey**, outro membro, teria se juntado à Sociedade literária por interesses em uma moça de quem gostava. Ele ainda comenta: “Minha fazenda dá muito trabalho e não queria desperdiçar meu tempo lendo sobre gente que nunca existiu, fazendo coisas que eles nunca fizeram” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 83).

Estupefato com o fato de seu concorrente ter mais vantagem por falar poemas a moça, resolve então ir à livraria para comprar um livro que lhe servisse para conquistá-la. Como a maioria dos livros tinha sido vendida ou para ser lido, aumentar o fogo para aquecer o povo ou recolhido pelos soldados pelo conteúdo “inapropriado”, o único que encontrou foi um escrito por *Cattulus*.

A experiência do leitor foi ruim, já que os versos escritos por *Cattulus* eram vistos por ele como ofensivos e repugnantes. Clovis Fossey achou que aquilo não era como deveria se tratar uma dama. Em uma conversa com Eben Ramsey, ele pega emprestado então outro livro, do autor *Wilfred Owen*. Antigo soldado, lutara na Primeira Guerra e sua poesia, segundo o

leitor, era muito melhor. A partir do contato com este livro, Clovis passou a frequentar as reuniões da Sociedade literária e ler outros leitores como *William Wordsworth*.

A escolha das obras do leitor é interessante, já que todas remetem a autores que tenham tido contato ou lutaram na guerra, em alguma época histórica. A partir destes, ele mesmo se vê e se identifica com o que lê. As pesquisas de Petit (2009) revelam a importância da leitura e como ela cria pontes com o leitor. A identificação é uma forte conexão entre leitor e livro, provocando assim o anseio para outras e mais outras leituras.

Clovis Fossey, ainda em carta a Juliet Ashton, critica o livro que estaria lendo *The Oxford Book of Modern Verse, 1892-1935* que seria uma espécie de coletânea de poemas em que um dos organizadores da obra teria comentado que excluía todos os poetas que falassem sobre a guerra, afirmando os autores da coletânea que “[...] sofrimento passivo não é assunto para poesia” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 85).

Indignado, Clovis discorda da obra citando *Owen*: “Que sinos tocam por estes que morrem como gado? Só o rugido monstruoso dos canhões” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 86). A leitura como podemos perceber, causa tamanha influência a ponto de fazer de um não leitor, em um ávido leitor e acima de tudo, um leitor crítico.

**John Booker** também é um dos membros da Sociedade literária. Mesmo não sendo natural da ilha, John é um membro oficial e participa das reuniões regularmente. Em aproximação à Elizabeth MacKenna que o teria ajudado quando precisou fingir ser o Lorde Tobias, e estar bêbado no dia em que Elizabeth teve que inventar a Sociedade para os soldados alemães, Booker também escolheu, juntamente com os outros, um livro para ler.

O livro escolhido e lido por ele diversas vezes foi *As cartas de Sêneca: traduzidas do latim em um volume, com apêndice*. O personagem conta que a leitura e as reuniões na Sociedade o tiraram de sua vida de alcóolatra (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 102). O personagem em carta a Juliet Ashton conta quem foi *Sêneca*, um “filósofo romano que escrevia cartas para amigos imaginários” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 102).

A partir das impressões de *Sêneca*, com seu toque de humor, Booker tirou ali seu conforto e identificou-se com o escritor em sua obra. Como o personagem bem comenta: “Alguns dos livros pareciam bons, mas fiquei fiel a Sêneca. Eu tinha a sensação de que ele estava falando comigo – do seu jeito engraçado e mordaz – mas falando só comigo” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 106).

O personagem se recusa a trocar *Sêneca*, mesmo sob protestos dos outros participantes da Sociedade literária. De fato, a profunda absorção de uma obra ultrapassa uma leitura inicial, levando o leitor a camadas mais intensas da leitura. O próprio *Sêneca* (1900 apud

CANFORA, 2003, p. 45), em defesa de poucas leituras, porém pré-selecionadas, comenta: “O excesso de livros é um peso para o homem que não estuda; não o instrui; é muito melhor dedicar-se a poucos autores do que errar a esmo através de muitos”.

Por conta do envolvimento com as reuniões da Sociedade literária o personagem também se envolve com peças teatrais e na obra é comentado um passeio da *Sociedade literária e a torta de casca de batata* para prestigiar um peça, *Julius Caesar*, onde dois dos membros, incluindo Booker (que atuou no papel de Marco Antônio) e Clovis Fossey, interpretando César, atuavam (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 145).

Em vista disto, podemos perceber uma influência positiva no leitor que o permite, além de compartilhar suas leituras, adentrar em outras formas de arte, como o teatro. Chan (2017) incentiva os encontros literários que geram frutos posteriores, o contato do leitor com a criação e promoção de outros tipos de arte.

Outros dois casos são relatados na obra que demonstram a troca de experiências literárias. As duas são descritas por Juliet Ashton em cartas a Sidney Stark. A primeira é do recém-chegado membro da Sociedade literária, **Jonas Skeeter**. O livro em debate era *As meditações de Marco Aurélio*, indicado por seu amigo **Woodrow Cutter**.

Skeeter se levantou para falar e indignado disse que tinha se juntado a eles porque Cutter indicara o livro com o intuito de eles terem assuntos “mais profundos” para conversar. Se sentira traído por seu amigo se achar superior pelo fato de ler.

Cutter contou a Skeeter quem tinha sido Marco Aurélio, argumentando “[...] Ele tinha pensamentos muito abrangentes e nós podíamos usar alguns, Jonas” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 187). Mesmo contrariado com o pedido do amigo, Skeeter leu o livro e foi à reunião naquela noite e comenta:

Mas li o livro e vou dizer o que penso dele. Marco Aurélio era uma *mulher velha* – sempre tirando a temperatura da sua mente –, sempre refletindo sobre o que tinha feito ou o que não tinha feito. Ele estava certo – ou estava errado? O restante do mundo estava errado? Ou era ele que estava? Não, eram os outros que estavam errados, e ele endireitava as coisas para eles. Ele era uma galinha choca, nunca teve um pensamento que não transformasse em sermão. Ora, aposto que o homem não conseguia nem mijar... (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 187).

O comentário causou discussão e os membros começaram a dizer que Cutter deveria pedir desculpas ao seu amigo, e que Skeeter deveria se conter, afinal haviam senhoras ali. O desfecho acontece com os dois amigos se encontrando no meio da sala, apertando as mãos e indo de braços dados para o *Crazy Ida's* (pub).

Em relação a esta experiência, vemos que o incentivo inicial não foi devidamente feito e também por Skeeter não ser leitor, sua imaginação ali é prejudicada e acaba por passar se

irritando com a obra escolhida. Zanchetta (2004) elucida sobre a falta de imaginação e a grande interferência que isso causa na leitura. Por tal, a experiência é prejudicada e a leitura pode ter influências negativas em seu leitor.

O segundo caso é sobre **Auguste Sarre**, que teria escolhido para debater o livro *Os contos de Canterbury* do autor *Geoffrey Chaucer*. Sarre teria escolhido “O conto do pároco”, já que em sua mente, o pároco seria moralmente adequado e sua leitura, prazerosa. Porém, ele expurga o autor, comentando que era uma ofensa aos olhos de Deus e que não deixaria nem seu filho ler um livro como aquele.

O conto mostrava um homem que tinha que “fazer penitência ou [...] jejuar, ou chicotear a si mesmo com cordas cheias de nós. Tudo porque ele Nasceu no Pecado – e aí irá ficar até o último instante de vida [...]” (SHAFFER; BARROWS, 2009, p. 266). Sarre então levanta questões como pecado original e predestinação. O comentário final do personagem, ainda indignado com o autor, é:

E isso não é tudo amigos – Augustus disse: o homem nunca deve ter uma boa opinião de si mesmo – isso se chama Pecado de Orgulho. Amigos, mostrem-me um homem que odeie a si mesmo e mostrarei um homem que odeia mais ainda os vizinhos! Ele não teria outra alternativa – você não pode dar a outro o que não possui: amor, bondade, respeito! Então eu digo: tome vergonha, pároco! Tome vergonha, Chaucer! – Augustus se sentou com violência (SHAFFER; BARROWS, ibidem, p. 266).

A leitura a partir das influências culturais e religiosas da comunidade a que o leitor pertence é frisada por Wang (2017) onde salienta a inseparabilidade entre cultura e visão de mundo do leitor. Dentro do Clube do Livro o participante poderá encontrar vários tipos de influência, em diversas leituras que serão feitas por ele. Concordará e discordará de toda a sorte de autores lidos, chegando a Nogueira e Silva (2016) que dizem que a partir dessa troca, o leitor aterrissará a um determinado perfil de leitura, sabendo o que gosta ou não gosta de ler, não somente por impressões rasas, mas a partir de conclusões profundas no decorrer de sua leitura.

O Clube do Livro é uma forte ferramenta para ser utilizada em bibliotecas, comunidades e espaços onde possa haver a construção da interação entre pessoas. Tem por objetivo influenciar e incentivar leitores a uma vida literária e conseqüentemente uma série de experiências que o construirão como cidadão crítico e pensante dentro de sua sociedade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada das bibliotecas no Brasil, o desenvolvimento do mercado editorial, a censura, o contrabando de livros, as revoluções fomentadas por leituras proibidas e os perfis dos leitores no decorrer dos séculos montam o caminho árduo e doloroso da leitura no Brasil.

Por isso, falar de leitura sempre é atual e deve estar nas rodas de discussões principalmente dentro da academia. É necessário compreender toda esta trajetória para que o leitor seja também melhor compreendido e possamos, a partir destas reflexões, estabelecer ferramentas de incentivo à leitura.

Uma destas ferramentas é o Clube do Livro, que foi a ferramenta escolhida para ser o centro de análise de nossa pesquisa e que tem se mostrado positivo nas pesquisas pelo mundo, provando ser um formador de bons leitores, leitores críticos que num mundo de leituras se veem libertos de antigos grilhões que os impossibilitava de discutir e saber por que é necessário discutir direitos e deveres.

Dentre os objetivos específicos estabelecidos a fim de resolver a problemática estabelecida para identificar quais as influências que o Clube do Livro provoca no leitor participante, foi-se iniciada a pesquisa bibliográfica com a identificação de pontos históricos dentro do processo da formação das bibliotecas, da circulação de livros fora do círculo burguês, chegando a grande massa.

Desta seção da pesquisa, conclui-se que o processo de popularização do livro e o acesso dos cidadãos a bibliotecas, provoca um grande processo de liberdade, levando ao cidadão, antes levado a não pensar sobre quem ele é dentro da sociedade, refletir sobre deveres e direitos, entender que é possível compreender o tempo em que vivemos e modificar realidades a partir do estudo e discussão das literaturas.

Em segundo momento, investigou-se o surgimento dos Clubes do Livro que, em seu propósito máximo, possibilitam a troca de experiências literárias e trazer estas reflexões para a realidade dos leitores participantes. As impressões obtidas a partir dessas reuniões, em bibliotecas ou em pequenas comunidades, nos leva ao fortalecimento da comunidade onde o Clube do Livro está presente, gerando também a necessidade de outras formas de expressão como a escrita, a atuação e produção de arte, como frutos destas reuniões.

Por fim, foi possível nos resultados e discussões, a partir do estudo de caso utilizando a análise textual de uma obra literária, baseada em Moraes (1999), avaliar as diferentes influências, positivas e negativas, que os livros podem provocar nos leitores participantes de um Clube do Livro. Após preparar, unitarizar, categorizar, descrever e interpretar a obra,



enredo e personagens, foi possível analisar, individualmente, as diversas experiências literárias dos habitantes da ilha de Guernsey dentro da obra *A obra escolhida Sociedade literária e a torta de casca de batata*.

Tais impressões refletidas nos permitem visualizar com clareza a força que a leitura possui, provocando novos pensamentos e atitudes e que, intrinsecamente, o contexto cultural, social e econômico do leitor lhe trarão reações e reflexões diferentes.

Em suma, ainda existem muitos passos nesta caminhada literária e os mediadores, como educadores e bibliotecários, têm a missão de assegurar que esses passos sejam dados e que a liberdade de expressão do leitor seja sempre respeitada e incentivada. E para tal se incita a participação em mais pesquisas dentro do contexto dos Clubes do Livro, que a partir de leituras e discussão, formamos leitores e cidadãos para o mundo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia A. Livros ao mar: circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil. Rio de Janeiro, **Tempo**, vol. 12, n. 24, p. 74-97, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042008000100005>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ALVARÉZ ALVARÉZ, Carmen. Clubs de lectura: ¿Una práctica relevante hoy? Espanha, **Información, cultura y sociedad**, n. 35, p. 91-105, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17402016000200005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402016000200005&lng=es&nrm=iso)> Acesso em: 26 nov. 2017.

AZEVEDO, Ricardo. Formações de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. cap. 3, p. 37-47.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015. 144 p.

CANFORA, Luciano. **Livro e liberdade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 104 p.

CHAN, Kylie. The Book Culture Club: incorporating a synergistic approach among on academic library, authors, potencial authors, and publishers. UK, **College & Undergraduate Libraries**, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2015. Disponível em: <[://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10691316.2015.1001241?scroll=top&needAccess=true](http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10691316.2015.1001241?scroll=top&needAccess=true)> Acesso em: 26 nov. 2017.

DELLER, Rosemary. The inspiration that makes for knowledge: Relaunching the Left Book Club. London, UK, **LSE**, 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/66760/>> Acesso em: 25 nov. 2017.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 71 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 58 p.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Ed. USP, 1985. 693 p.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010. 158 p.

HERKENHOFF, Paulo. **Biblioteca Nacional: a história de uma coleção**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997 (impressão 2002). 263 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. 374 p.

MANLEY, K. A. A matter of Life and Death: a note on a Religious Book Club in Fethard, County Tipperary, in 1835. UK, **Library & Information History**, v. 32, n. 1-2, p. 123-132, Feb. / May 2016. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17583489.2015.1128634>> Acesso em: 26 nov. 2017.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?** [2. ed.]. São Paulo: Global, 2016. 302 p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Rev. Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <[http://cliente.argocom.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argocom.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 259 p.

NOGUEIRA, C. R.; SILVA, J. L. C. Dos caminhos e descaminhos da biblioteca escolar: reflexões e perspectivas de atuação no âmbito da mediação da leitura e formação de leitores. **Folha de Rosto**, v. 2, p. 22-30, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/23166>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

SHAFFER, Mary Ann; BARROWS, Annie. **A sociedade literária e a torta de casca de batata**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 303 p. Título original: The Guernsey literary and potato peel pie society.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 558 p.

SILVERMAN, Al. A good time to start a Book Club. In: RABINOWITZ, Harold; KAPLAN, Rob (Ed.). **A passion for books: A book lover's treasury of stories, essays, humor, lore, and lists on collecting, reading, borrowing, lending, caring for, and appreciating books**. New York: Three Rivers Press, c1999. cap. 42, p. 206-216.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009. 299 p.

\_\_\_\_\_. **Leituras: do espaço íntimo ao público**. São Paulo: Editora 34, 2013. 168 p.

Wang, Yu-Chi. Exploring culturally and linguistically diverse students' identities in an afterschool book club. **University of Iowa**, 2016, p. xvi, 237 p. (Tese para doutorado em Filosofia). Disponível em: <<http://ir.uiowa.edu/etd/5673>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

ZANCHETTA, Juvenal. Leituras de narrativas juvenis na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. cap. 7, p 91-109.